

**PÂMELA GIRELLI**

**A GUERRA DO PARAGUAI NAS CHARGES E CARICATURAS DA SEMANA  
ILLUSTRADA DE 1865**

Trabalho de conclusão de curso de graduação  
apresentado como requisito para obtenção de grau de  
Licenciatura em História da Universidade Federal da  
Fronteira Sul.

Orientadora Prof. Me. Débora Clasen de Paula

**ERECHIM**

**2017**

A memória de meu pai Altair, e ao futuro, minha  
sobrinha que está a caminho, Mélni.

## AGRADECIMENTOS

No decorrer dos últimos anos, muitas pessoas foram importantes para seguir em minha jornada. Dentre tantos que contribuíram para minha formação, um agradecimento especial a minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Me. Débora Clasen de Paula, por sua enorme contribuição e empenho. Agradeço a Prof.<sup>a</sup> Me. Caroline Rippe de Mello Klein, que me orientou nos primeiros passos. Quero agradecer aos professores da Universidade Federal da Fronteira Sul de Erechim, em especial a minha banca avaliadora. Dentre muito professores que tenho minha eterna gratidão, um agradecimento com muito carinho e amor para minha mãe Marinês Girelli, a primeira professora que tive contato, quando ainda estava em seu ventre, pois a pessoa que sou devo muito a ela. Outro professor importante nesta caminhada é o professor Luciano Dallagnol, o qual na sétima série do Ensino Fundamental despertou em mim a paixão pela História. Agradeço a minha família que sempre me apoiaram, sendo eu a décima primeira da família que optou pelo magistério e a quarta historiadora da minha geração, agradecimento especial a minha madrinha Terezinha. As minhas irmãs Andressa e Amanda, que me ajudaram em meus momentos de raiva e estresse. Aos meus amigos que sempre tiveram ao meu lado, me alegrando e mimando quando eu estava a ponto de desistir de tudo. Obrigado a todos que de alguma maneira estiveram me apoiando, vocês são muito importantes pra mim.

## RESUMO

O presente trabalho busca analisar caricaturas publicadas pela *revista Semana Illustrada*<sup>1</sup> referentes à participação do Brasil na Guerra do Paraguai. A pesquisa objetiva verificar como o autor das imagens representava o Imperador, os aliados e o líder paraguaio no ano de 1865, ou seja, durante o conflito. Para tanto, realizamos inicialmente um breve relato historiográfico acerca da Guerra do Paraguai para, em seguida, tratar da importância das imagens como fonte e objeto para a escrita da história. Posteriormente, apresentamos a revista e analisamos treze imagens produzidas por seu criador Henrique Fleiuss.

Palavras-chave: Guerra do Paraguai. Charge. Caricatura. Semana Illustrada.

## ABSTRACT

The present paper seeks to analyze caricatures published by *Semana Illustrada* Magazine concerning the participation of Brazil in the Paraguayan War. The research aims to verify how the author of the images represented the Emperor, the allies and the Paraguayan leader in the year of 1865, that is, during the conflict. Therefore, we initially made a brief historiographic account of the Paraguayan War and then discuss the importance of images as a source and object for the writing of history. Subsequently, we present the Magazine and analyze thirteen images produced by its creator Henrique Fleiuss.

Keywords: Paraguai war. Charge. Caricature. Semana Illustrada

---

<sup>1</sup> Manteremos a grafia original.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2 A GUERRA DO PARAGUAI E SUAS IMPLICAÇÕES NO IMPÉRIO BRASILEIRO .....</b>	<b>9</b>
<b>3 UM BREVE RELATO DA IMPORTÂNCIA DE CHARGES E CARICATURAS .....</b>	<b>18</b>
<b>4 AS CARICATURAS .....</b>	<b>25</b>
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>54</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>59</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Estuda-se muito a Guerra do Paraguai<sup>2</sup>, principalmente suas causas e suas consequências uma vez que, foi um marco na história dos países envolvidos. Nesse trabalho será feito um estudo sobre a imagem do império brasileiro retratada caricaturas ao longo do ano de 1865, produzidas por Henrique Fleiuss na revista que ajudou a fundar a *Semana Illustrada*. Charges que retratam os primeiros anos do conflito da Guerra do Paraguai.

A imagem do imperador brasileiro Dom Pedro II eram importante para fortalecer o crescimento da noção de pertencimento da nação, o que até então não existia, no qual as charges selecionadas expressam a vontade do seu criador para ajudar nesse fortalecimento. Sobre a relação do Imperador com seus críticos afirma Távora que,

Podemos afirmar, com segurança, que o Imperador deve boa parte da simpatia que despertou, na sua época, graças à tolerância para com seus críticos. E se pode afirmar, também, que nenhum historiador poderia aventurar-se a biografá-lo, sem ter que recorrer, necessariamente, às milhares de caricaturas que tanto o criticavam mas que, na sua essência, revelam uma espécie de ternura escondida pela figura imponente de Pedro II. (TÁVORA, 1976, p. 14)

Esta pesquisa resultou da identificação com o tema e visa colaborar com o estudo do período da Guerra do Paraguai ocorrida entre 1864 e 1870. Ao contribuir academicamente e na literatura, acreditamos que este trabalho pode vir a ajudar os pesquisadores na melhor compreensão do assunto, mas principalmente auxiliar o professor-educador do ensino básico/médio na problematização do período histórico aqui estudado. Pois o ser humano memoriza melhor através de gravuras, e é exatamente isso que iremos utilizar para o desenvolvimento desta pesquisa.

Através das caricaturas de Dom Pedro II, buscaremos analisar como o chargista representava suas decisões, confrontar o que era retratado em imagens e o que a historiografia nos produziu sobre a Guerra do Paraguai. Pois

---

<sup>2</sup> André Toral em sua obra “Adeus, chamego brasileiro: uma história da Guerra do Paraguai.” Também temos “História da Guerra Entre a Tríplice Aliança e o Paraguai” de Augusto Tasso Fragoso e o livro de Luiz Octavio De Lima “A Guerra do Paraguai”, não esquecendo de “Guerra do Paraguai – Memórias e Imagens” de Ricardo Salles são algumas dos muitos trabalhos que envolvem o período da Guerra do Paraguai.

o imperador que nunca se interessou por assuntos bélicos, a partir deste confronto passa a assumir cada vez mais uma postura de “rei da guerra”, como nos coloca Lilia Schwarcz, em seu livro “As Barbas do Imperador: Um monarca nos trópicos”. Como essa postura se expressa por meio de charges?

Neste trabalho pretende-se analisar caricaturas<sup>3</sup> e charges<sup>4</sup> do ano de 1865, ou seja, início da Guerra do Paraguai, por meio da revista *Semana Illustrada*. As caricaturas que trabalhamos, estão disponíveis *online*, no site da Biblioteca Nacional Digital<sup>5</sup>.

A revista *Semana Illustrada* foi criada no Rio de Janeiro, pelos irmãos Fleiuss e por Carlos Linde no ano de 1861, suas tiragens foram até o ano de 1876. Henrique Fleiuss retratava em suas caricaturas a Guerra do Paraguai deste o início do conflito até o seu final. As caricaturas que escolhemos, estão sempre na última página da revista, havendo no período do conflito, várias outras caricaturas tratando da guerra. Todos os exemplares semanais, desde o primeiro ao último, sem interrupção, encontram-se na Biblioteca Nacional e digitalizada no *site*. No ano de 1865 foram 52 exemplares, um para cada domingo do ano.

Analizamos uma caricatura de cada mês do ano de 1865 afim de acompanhar como e o que a revista destacava do conflito. Estas caricaturas se encontram sempre na última página da revista *Semana Illustrada*. Além disso, as imagens foram escolhidas também por estarem presentes em diversos livros e textos que tivemos contato<sup>6</sup>.

A revista *Semana Illustrada* foi analisada pelo pesquisador Pedro Paulo Soares em sua dissertação de mestrado intitulada “A Guerra da Imagem: Iconografia da Guerra do Paraguai na Imprensa Ilustrada Fluminense<sup>7</sup>”. Este

---

<sup>3</sup> Representações cômica ou grotesca de pessoas ou fatos; pessoa ridícula. (Minidicionário Luft, 2000).

<sup>4</sup> Desenho, de natureza caricatural, satírica ou humorística, em que se representa pessoa, fato ou ideia corrente, em especial de caráter político. (Minidicionário Luft, 2000). Para Pedro Paulo Soares são o “que abordam criticamente os símbolos nacionais, tratando os temas polêmicos da atualidade de maneira direta, sem recurso a alegorias mais conservadoras” (2003. P. 53).

<sup>5</sup> Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

<sup>6</sup> Devido à relativa longevidade da revista, bem como de sua tiragem semanal, optamos por este recorte por entender que uma análise mais ampla demandaria um trabalho de maior fôlego fugindo das limitações de um trabalho de conclusão de curso.

<sup>7</sup> No qual o primeiro capítulo trata da imprensa fluminense no Segundo Reinado, Guerra do Paraguai e o seu papel da idealização da formação do brasileiro, no segundo capítulo é abordado às características da imprensa fluminense e seus principais artistas, o terceiro capítulo é relacionado a dois artistas da imprensa ilustrada, Henrique Fleiuss (*Semana Illustrada*) e Angelo Agostini (*A Vida Fluminense*) analisando os dois núcleos diferentes de ideias e representações

autor destaca o trabalho da imprensa fluminense e o seu papel no contexto brasileiro no segundo reinado, juntamente com uma avaliação do leitor que estava sendo formado a partir desta imprensa. Assim ao investigar acerca do leitor e de forma mais ampla a revista, se diferencia da proposta apresentada nesta monografia.

Soares trata o período da Guerra do Paraguai na imprensa, citando diversos jornais, revistas e periódicos, em especial *A Semana Ilustrada* e *A Vida Fluminense*, analisando seus artista/criadores Henrique Fleiuss no primeiro periódico e Angelo Agostini no segundo, destacando suas diferenças e ressaltando a crítica que Agostini fazia em relação à Fleiuss, alegando que este se posicionava a favor do império através de suas publicações.

Concordamos com Soares quando ele afirma que as imagens da nação da iconografia desta época são “como armas na luta pelo controle dos corações e mentes da época” (2003, p. 16).

A fim de responder as questões levantas, estruturamos o trabalho da seguinte forma: no capítulo I contextualizaremos o império brasileiro na Tríplice Aliança e suas implicações no começo da Guerra do Paraguai, além de uma breve análise da situação dos países envolvidos – Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai – bem como o desenvolvimento e findar da guerra, além dos resultados pós-guerra.

O capítulo II tratará das charges e caricaturas apontando a importância que apresentam para o estudo da sociedade através de suas informações humorísticas, para podermos analisar o contexto histórico nas caricaturas selecionadas.

O capítulo III dedica-se a apresentação da revista *Semana Ilustrada* e seu principal chargista e fundador bem como a analisar as imagens selecionadas acerca da Guerra do Paraguai.

---

durante a Guerra do Paraguai; o quarto e último capítulo trata da representação da alegoria feminina no papel da imprensa, na figura de uma jovem do Piauí que se alistou como voluntária da pátria, pra lutar na Guerra do Paraguai. SOARES, Pedro Paulo. **A Guerra da Imagem: Iconografia da Guerra do Paraguai na Imprensa Ilustrada Fluminense.** Dissertação de Mestrado em História Social. UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.



## **2 A GUERRA DO PARAGUAI E SUAS IMPLICAÇÕES NO IMPÉRIO BRASILEIRO**

O imperador tinha um sobrenome extenso, chamava-se Pedro de Alcântara João Carlos Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Gonzaga, sobrenomes que homenageavam sua família e até mesmo anjos e santos, algo tradicional nos príncipes e princesas do Brasil. Dom Pedro II era o primeiro monarca nascido nos trópicos, tipicamente de “solo brasileiro”, por isso, acreditava-se que sua aceitação pelo povo seria de forma mais natural e positiva, tendo nascido no Rio de Janeiro, em 02 de dezembro de 1825, é o sétimo filho de dom Pedro I e da imperatriz Maria Leopoldina, esta que um ano após o nascimento de Pedro, falece. Pedro II herda o direito do trono após a morte dos irmãos mais velhos, Miguel e João Carlos.

Em 1831 Dom Pedro I abdica do trono e, devido à perda de apoio político por parte do governo no Brasil e a crise sucessória em Portugal, regressa a Portugal. Dessa forma o príncipe Pedro II ascende ao poder imperial com apenas cinco anos, porém por sua pouca idade e sem o auxílio de seu pai, o Brasil foi governado por uma regência até que sua maioridade fosse atingida aos seus 14 anos, pelo conhecido Golpe da Maioridade<sup>8</sup>. Até que pudesse governar de fato o país, Pedro ficou sob tutela de José Bonifácio e depois do Marquês de Itanhaém.

A fim de contextualizar historicamente o período da Guerra do Paraguai, nos valem da obra de Francisco Doratioto<sup>9</sup>, na qual o autor traz, em mais de quinhentas páginas, uma “nova história da Guerra do Paraguai”. Seu livro “Maldita Guerra: nova história do Paraguai” possui uma análise atualizada e aprofundada sobre o período e o conflito, sendo uma pesquisa de fôlego sobre o tema, que nos permite compreender, mais especificadamente, a política, o

---

<sup>8</sup> Na Constituição outorgada em 1824, em que a maioridade de D. Pedro II seria concedida aos 18 anos, porém aos 14 anos de idade ele assumiu seu posto de Imperador do Brasil.

<sup>9</sup> Doratioto rejeita a interpretação de que o imperialismo inglês seria o responsável pelo princípio da Guerra, baseando a construção de sua tese em diferentes documentos tais como cartas e outros documentos inéditos. Estas apontavam que a Inglaterra não estava interessada diretamente no conflito e havia, inclusive, tentado apaziguar os ânimos. DORATIOTO, Francisco. Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai. 2ª ed. ver. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

interesse econômico dos países envolvidos, e a localização privilegiada do Paraguai em relação ao comércio marítimo pelo Rio Paraguai. Este autor se contrapõe a historiografia tradicional que tinha em Julio Chiavenato o autor em referência sobre o tema<sup>10</sup>. Chiavenatto enfatizava que a causa principal da guerra seriam “os interesses do capital inglês” (1982, p. 13), pois o Paraguai se negava a participar da expansão econômica do Império Britânico. Esta tese é refutada por Doratioto a partir de uma gama variada de fontes, inclusive de cartas, que demonstram a intenção inglesa de apaziguar os ânimos.

No que se refere ao Imperador, à obra de Lilia Schwarcz, aborda a imagem dele frente ao conflito, pois:

Se a Guerra do Paraguai representa o apogeu do Império de d. Pedro, o momento de maior maturidade, significa também, mesmo que visto de forma retrospectiva, o início da queda [...] Mas a guerra fez mais: imprimiria marcas profundas na imagem pública de D. Pedro II. (SCHWARCZ, 1999, p. 295)

O império brasileiro temia um movimento separatista das províncias, como estava ocorrendo com a América espanhola, devido às inúmeras revoltas enfrentadas desde o período colonial. Receava ainda a influência da Argentina, na separação da província do Rio Grande do Sul<sup>11</sup> do restante do Brasil. Neste momento Brasil e Paraguai eram aliados para combater o caudilho Juan Manuel de Rosas, governador da Argentina, que também poderia exercer algum tipo de dominação no Paraguai, caso a Argentina se tornasse uma potência econômica. Em 1852 Rosas foi morto e Carlos Antônio López assumiu o Paraguai. A parceria

---

<sup>10</sup> CHIAVENATTO, Julio José. **Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai**. 14ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

<sup>11</sup> Destaque para a Revolução Farroupilha, também conhecida como Guerra dos Farrapos, que teve duração de dez anos, entre 1835 a 1845, tendo seu desfecho duas décadas antes da guerra do Paraguai. Com a independência em 1822, a monarquia se centralizou, na qual o poder passou a ser exercido em função dos interesses do principal produto de exportação brasileiro: o café do Vale do Paraíba do Sul. Contra esse centralismo eclodiram várias rebeliões nas províncias, todas reivindicando maior autonomia e atendimento aos problemas locais. O Rio Grande do Sul tinha sua economia baseada na criação de gado e na fabricação de charque, produto este que era exportado para o resto do país, onde era comprado pelos fazendeiros para alimentação de seus escravos. Os rio-grandenses acusavam o centro de prejudicar os seus interesses, deixando entrar no Brasil, o charque concorrente estrangeiro (uruguaio) para que o produto gaúcho fosse vendido a um baixo preço, além da questão militar, no qual o Rio Grande do Sul sempre havia contribuído com seus homens nas guerras com os povos platinos, mas a chefia das tropas era sempre confiada a alguém de fora da província. PESAVENTO, Sandra J. **A Revolução Farroupilha**. Boletim gaúcho de geografia. Associação Brasileira de Geógrafos, p. 101-102, Porto Alegre, 1985.

entre Brasil e Paraguai acabou<sup>12</sup>, pois López dificultava a navegação brasileira no Rio Paraguai.

Francisco Doratioto afirma que López modernizou Paraguai, importando máquinas da Inglaterra para a fabricação de erva mate, que era o principal produto de exportação do país, visando o comércio internacional. Porém ao fazer isso, acabou por se isolar diplomaticamente, tendo que se organizar militarmente, uma vez que necessitava do acesso ao mar com outros países<sup>13</sup>. Sérgio Buarque de Holanda, aponta que esse isolamento se deu em decorrência do Paraguai ser um país pouco próspero e também menor dentre os localizados no Prata<sup>14</sup>. Conforme Doratioto, o início da década de 1860,

Para os Estados platinos, o ano de 1862 foi um marco, quer para as respectivas políticas internas, que para as relações entre eles. No Paraguai, Francisco Solano López ascendeu ao poder; na Argentina, houve a reunificação nacional sob a liderança de Buenos Aires e, no Brasil, o Partido Liberal substituiu o Conservador no governo. (DORATIOTO, 2002, 39)

Já o Uruguai, dividido entre blancos e colorados<sup>15</sup>, havia enfrentado forte disputa que provocou instabilidade na região, levando o Brasil intervir militarmente, entre 1851/52. Nas lutas internas, o governo brasileiro apoiava a facção liberal aberta ao mercado exterior e, portanto à liberdade de navegação. Desta forma, ocorre a aliança entre o Império brasileiro e os colorados uruguaios (DORATIOTO, 2002).

Quando os blancos voltaram ao poder, em 1864, através de Atanásio Aguirre, que tinha apoio de López, o Brasil realizou mais uma ação militar contra os

---

<sup>12</sup> Sempre houve disputas das terras que cortam o rio Paraná, com isso diversos conflitos, mesmo assim Brasil e Paraguai assinaram um acordo sobre os direitos de navegação deste rio. Porém, com a intervenção brasileira no caso uruguaio, em que foi desposto o aliado do Paraguai, o uruguaio Aguirre, o governo do Paraguai rompeu relações com o Brasil. Em novembro de 1864 as forças paraguaias aprisionaram o navio brasileiro Marquês de Olinda no rio Paraguai, próximo a capital paraguaia. (Francisco Doratioto, 2002).

<sup>13</sup> O autor aponta ainda que o isolamento do país das guerras platinas implicou no estabelecimento de um tipo de economia em que o Estado regulava todas as atividades detendo o monopólio do comércio da erva-mate, da madeira e do tabaco. Além disso, o poder do Estado se fortaleceu com o confisco das terras da elite tradicional para a organização das “Estancias de la Patria”. (DORATIOTO, 2002, o. 25)

<sup>14</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História Geral da Civilização Brasileira**: Tomo II: O Brasil monárquico: volume 6. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil LTDA, 2012.

<sup>15</sup> Os Blancos correspondiam aos estancieiros do interior, seu líder era Manuel Oribe, que tinha apoio do argentino Juan Manuel Rosas, enquanto os Colorados eram comerciantes de Montevideú, liderados por Frutuoso Rivera, que era apoiado por Justo José Urquiza, argentino oponente de Rosas, e pelo Brasil. (DORATIOTO, 2002).

blancos, levando ao poder o presidente colorado Venâncio Flores. Este juntamente com o presidente argentino Bartolomé Mitre, iniciou uma aliança, enquanto “desesperados, os *Blancos*, em retirada, apelaram ao ditador paraguaio, Francisco Solano López, e este prontamente lhes concedeu assistência” (Holanda, 2012, p. 291). Para ajudar os aliados blancos, López atravessou o território argentino para poder atingir o Uruguai, porém o que aconteceu foi à união dos países platinos (Brasil, Uruguai e Argentina), formando a Tríplice Aliança.

Em dezembro de 1864 numa ofensiva, as tropas paraguaias invadiram Mato Grosso, pois López preocupava-se que Brasil e Argentina se unissem para arruinar os pequenos países sul-americanos. Assim,

A Guerra do Paraguai foi fruto das contradições platinas, tendo como razão última a consolidação dos Estados nacionais na região. Essas contradições se cristalizaram em torno da Guerra Civil uruguaia, iniciada com o apoio do governo argentino aos sublevados, na qual o Brasil interveio e o Paraguai também [...] A guerra era uma das opções possíveis, que acabou por se concretizar, uma vez que interessava a todos os Estados envolvidos. (DORATIOTO, p. 93, 2002)

Os rios platinos eram fundamentais para se acessar a província de Mato Grosso, assim sendo, o governo imperial mantinha uma boa relação com o Paraguai, “afinal o Brasil foi o primeiro país a reconhecer, em 1844, a independência paraguaia” (DORATIOTO, 2002, p. 472).

A batalha que os envolvidos acreditavam que não duraria muitos meses acabou por se estender por mais de cinco anos, deixando marcas que até hoje perduram na população, principalmente a mais arrasada, a paraguaia. Uma guerra de longa duração não era interessante e nem objetivo de nenhum dos países envolvidos pois acarretaria enormes custos aos cofres de cada país, além dos custos com a formação e recrutamento de combatentes. Quanto ao imperador, “Dom Pedro II fazia-se presente nos assuntos de governo e procurava manter-se a par de tudo, ao participar, inclusive, da condução da política externa brasileira” (DORATIOTO, 2002, p. 73).

A crença de que a guerra não duraria muito tempo se deveu, em parte, ao fato de que todos acreditavam que o Paraguai não seria o primeiro a atacar, pois em sua fronteira com o Brasil, no Mato Grosso não seria muito viável, já que “o

ditado recorrente à época, ante a perspectiva de se ir para a guerra: ‘Deus é grande, mas o mato [é] ainda maior’” (DORATIOTO, 2002, p. 122), também não seria uma boa estratégia atacar o Rio Grande do Sul, pois teriam que atravessar a Argentina e, mesmo que conseguissem passar pelos argentinos, os paraguaios provavelmente seriam derrotados pelos gaúchos, já com longa experiência em confrontos<sup>16</sup>.

No que se ao Paraguai, “o país guarani gozava de uma magnífica posição geográfica defensiva, pois, isolado no interior do continente, somente poderia ser atacado por forças brasileiras”, através do rio Paraguai na fortaleza de Humaitá ou a sudoeste, (DORATIOTO, 2002, p. 78) tornando difícil o ataque dos Aliados, supondo assim, que um dos lados pediria paz logo nos primeiros meses de conflito. Porém não foi isso que aconteceu, López, com o uso de espiões, reuniu informações suficientes para planejar um ataque a mais vulnerável província brasileira e decidiu invadir Mato Grosso, dando início uma guerra que se arrastou por alguns anos. Entre dezembro de 1864 e setembro de 1865 o Paraguai em ofensiva militar invadiu o território brasileiro e argentino.

Na batalha de Riachuelo ocorrida em junho de 1865, a esquadra brasileira atacou a marinha paraguaia bloqueando e isolando o inimigo do resto do mundo. Depois desta derrota López retirou suas tropas de solo argentino. O lado dos aliados invadiu em 1866 o Paraguai para conquistar o forte de Humaitá, que era a defesa central paraguaia, assim teriam passagem para Assunção e tomando a capital paraguaia os aliados acreditavam que acabaria a guerra. Porém o território paraguaio era de difícil locomoção, pois não havia mapa se para saber exatamente a sua localização. Este fato foi extremamente vantajoso para Solano López, uma vez que ele conhecia muito bem seu território e com isso conseguiu fazer uma boa defensiva para impedir o avanço das tropas aliadas, tornando a guerra, uma guerra de posição. Assim apesar de “(...) cercada por água, Humaitá foi evacuada pelos paraguaios, em uma operação brilhante, pois não foi detectada pelos navios brasileiros” (DORATIOTO, 2002, p. 477).

---

<sup>16</sup> Foi a Província do Rio Grande do Sul que contribuiu com maior número de soldados. (Doratioto, 2002, p. 460).

Fome, miséria, cansaço, esgotamento, tanto do lado dos aliados, quanto dos paraguaios, a guerra estava acabando com a população, mas a grande maioria que sofria, diretamente, era a população paraguaia. Já não tinham lugares seguros para ficar, nem mesmo algo decente com que vestir e também faltava alimentos. Na ânsia de que a guerra terminasse, houveram atentados contra a vida de Solano López, e sua família.

Solano López era perseguido pelos soldados brasileiros e também por nova suposta conspiração. Seu irmão, Venancio López, que desde San Fernando era prisioneiro, confessou, sob tortura, o movimento conspiratório, apontando o major Hilario Marcó, sua esposa, e as irmãs, Inocencia e Rafaela, como envolvidos numa tentativa para assassinar Solano López, com um doce envenenado; também sua mãe Juana Carrillo López foi acusada de cúmplice. (DORATIOTO, 2002, p. 442)

De acordo com Doratioto, os acusados de conspiração eram presos, torturados e executados, Rafaela, irmã de López, assumiu a culpa, mas negou-se a entregar sua mãe, então queimou sua própria língua com brasa da fogueira, para que não pudesse falar mais nada, já o irmão de López era açoitado diariamente, criando inúmeras feridas. Francisco Doratioto afirma que, outras pessoas próximas de López, que foram considerados traidores/conspiradores, até mesmo uma moça que Solano teria se interessado, foram executados com lanças, para economizarem o armamento bélico, não sendo a morte destes, menos dolorida, pois o soldados já cansados de anos de guerra, com fome, enfraquecidos, não conseguiam realizar a execução no primeiro golpe de lança, assim foram necessários vários golpes, para sua execução (2002, p. 442).

Os exércitos dos aliados, com muitas dificuldades, destruíram o exército paraguaio ao dominar Lomas Valentinas e abriram caminho para invadir Assunção. Solano López consegue escapar e reorganizar os soldados sobreviventes, incluindo crianças, adolescentes e idosos, improvisando um exército, o “que lhe permitiu prolongar a resistência por mais um ano, ao fugir pelo interior do país, por regiões cobertas de bosques e com escassos caminhos, o que dificultava sua perseguição” (DORATIOTO, 2002, p. 479).

Ao iniciar janeiro de 1869, sem mais cidadãos em Assunção, as tropas brasileiras ocuparam e saquearam e Caxias, comandante do exército brasileiro, acreditou que a guerra estava acabada. Com a exaustão de quatro anos de guerra o comandante brasileiro se retirou do Paraguai juntamente com sua tropa.

Porém, a guerra não acabaria ali, Dom Pedro II teve dificuldade em nomear um novo comandante e após muita resistência de sua filha Isabel e seu genro conde d'Eu foi nomeado comandante do exército, “afinal, a presença do príncipe no Paraguai, embora inútil militarmente, continuava a ser um símbolo” (DORATIOTO, 2002, p. 446).

Chiavenatto em sua obra acusa conde D'Eu de ter sido “o grande criminoso dessa guerra” (1982, p. 141) e não sabia dizer qual é a maior vilania do mesmo, pois as tropas “agiram por conta de governos que se esmeravam em apresentar ao mundo o Paraguai como um covil de bárbaros, a guerra como uma forma de redenção dos paraguaios das garras de Francisco Solano López” (CHIAVENATTO, 1982, p. 141).

Conde D'Eu ficou em seu posto até o fim da guerra (um ano após assumir o cargo), muitas vezes ameaçava em se retirar, porém Dom Pedro II insistia em que ele permanecesse no campo de batalha.

A guerra só terminou após a morte de López, “em 1º de março de 1870, a cavalaria e a infantaria brasileiras entraram em Cerro Corá e houve feroz luta contra duas ou três centenas de soldados paraguaios” (DORATIOTO, 2002, p. 451), sendo que o cabo Francisco Lacerda que era conhecido por Chico Diabo foi quem golpeou López com uma lança, fazendo-o cair entre as margens do arroio Aquidabán. O general Câmara intimidou-o a render-se, porém López teria lhe dito que preferia morrer por sua pátria que entregar sua espada, então Câmara ordenou que lhe tirassem sua espada, e ao retirarem do arroio López foi atingido por um tiro matando-o. Entretanto Doratioto expõe que,

Essa descrição da morte de Solano López não foi a mesma que Câmara forneceu oficialmente e que, desde então, foi repetida pela historiografia brasileira. Um primeiro informe desse general sobre a morte do ditador induzia a crer que este fora morto não devido à lançada dada por Chico Diabo mas, sim após o ferimento. Pouco tempo depois, em 30 de abril de 1870, em ofício destinado ao ministro da guerra, Câmara fez um suposto esclarecimento, que se tornou versão oficial, em que afirmava que o ditador paraguaio, em fuga, foi ferido, sem esclarecer como, e que o encontrou recostado dentro do Aquidabán (DORATIOTO, 2002, p. 451)

Chiavenatto acredita na primeira versão do General Câmara e acrescenta que o cadáver de López foi violado. O autor destaca:

Precipitou-se sobre o cadáver um oficial nortista, Tenente Genésio Fraga, cortando-lhe uma orelha. Outro soldado arrancou-lhe um dedo; ainda outro, o couro cabeludo e por fim, o último arreventou-lhe a boca com a coronha do fuzil para recolher seus dentes. (CHIAVENATTO, 1982, p. 162)

O que se sabe certo é que López foi atingido por um tiro de fuzil, o que provavelmente causou sua morte, e Câmara teve que ocultar a veracidade do fato à razão do Estado. “O imperador não gostou que Solano López tivesse sido morto em vez de aprisionado” (DORATIOTO, 2002, p. 452), além de não conceder honrarias militares para Chico Diabo.

Em janeiro de 1872 foi assinado o acordo de Paz, em Assunção e o império brasileiro foi representado pelo Barão de Cotegipe. O acordo estabeleceu a fronteira entre Paraguai e Brasil, sendo que toda margem direita do rio Paraná pertenceria a Paraguai e deste lugar para cima pertenceria ao Brasil. Conforme Doratioto,

O Tratado da Tríplice Aliança também determinava que, finda a guerra, o Paraguai, por ter sido o país agressor, pagaria todos os gastos com o conflito que os aliados tivessem tido [...] o governo imperial reduziu, intencionalmente, a indenização de guerra a ser cobrada do Paraguai [...] a dívida foi perdoadada somente por Getúlio Vargas, no início dos anos de 1940, como resposta a idêntica iniciativa da Argentina. (DORATIOTO, 2002, p. 465)

Além da destruição econômica e a perda de território, a baixa da população paraguaia foi espantosa, “as estatísticas sobre as perdas paraguaias na guerra variam de 8,7% e 69% da população” (Doratioto, 2002, p. 483), porém há outras teorias e porcentagens, Chiavenatto nos mostra um país mutilado onde “exterminaram 96,50% da sua população masculina!” (1982, p. 164).

Os autores concordam que a maioria das mortes foram em decorrência da fome, doenças, clima, exaustão física e não em combate, ambos os lados sofreram com todos esses quesitos, porém o lado paraguaio foi o mais prejudicado. Assim “Se a guerra foi cruel, foi porque era uma guerra. A crueldade esteve presente nos dois lados. Tanto os paraguaios, como os aliados, cometeram atos de extrema selvageria” (CHIAVENATTO, 1982, p. 133).

Entretanto, no ano de 1865 não se tinha conhecimento do que se sucederia naquele conflito recém-iniciado. E, se a aposta era de que se trataria



de conflito rápido, resolvido a partir dos ataques dos aliados, a imprensa se apressava em relatar e representar os episódios do conflito informando a população, sobretudo a fluminense, dos acontecimentos que se desenrolavam no Prata.

### 3 UM BREVE RELATO DA IMPORTÂNCIA DE CHARGES E CARICATURAS

De acordo com Knauss foi ao início dos anos 80 que o estudo da cultura nas ciências humanas se tornou central, conduzindo uma revisão do estatuto do social (2006, p. 107). Entendia-se, assim, que o estudo da cultura é a construção visual da vida cotidiana, suas representações, mídias e artes visuais.

Como gênero de caráter visual, a charge tem chamado atenção de professores e pesquisadores. Seu uso como objeto de estudo em escolas e universidades tem crescido e atingido diferentes áreas. A charge, palavra derivada do francês charger e que significa carregar, exagerar tem como objetivo a crítica humorística de um fato específico, geralmente de natureza política (CAVALCANTI, 2008, p. 8). Ela deve abordar um assunto atual e interessante para o público leitor e ao mostrar como se organizam os modos de linguagem do texto chágico, ressaltamos que argumentos também podem ser constituídos por linguagem visual.

O ser humano, por natureza, memoriza melhor através de gravuras, e é exatamente isso que iremos utilizar para a problematização desta pesquisa. “Em tempos atuais, a maioria dos livros didáticos de História é repleta de imagens, o que reflete uma tendência atual de nossa sociedade, que é de ser dominada cada vez mais pelo visual” (BALDISSERA, p. 252). Percebemos em alguns livros didáticos que há falta de cuidados no referencial da imagem e muitas vezes má impressão das mesmas.

Ao utilizar a charge como meio de informação, educação, crítica ou análise, quem a cria tem um foco específico, um dado tipo de leitor, para que este identifique e entenda o que a mesma está querendo dizer. Assim,

A charge já é considerada fonte de informação para alguns domínios, especialmente como fonte primária para as humanidades e como material de apoio didático, tanto em nível básico quanto em nível superior de ensino. Desse modo, é possível dizer que a charge é objeto informativo para determinados segmentos de usuário, o que a justifica como objeto de atenção pela ciência da informação. (GOMES, 2015, p.128)

A partir da ideia de que toda imagem tem uma história a ser lida e traduzida, Baldissera afirma que não existe até o momento uma metodologia ou uma maneira ideal para ler uma imagem, elas são “testemunhas mudas”. O que precisamos é descobrir o que as imagens querem dizer, através de traços que

nela possam estar ocultos, “sabemos entender o seu significado explícito, mas ainda estamos, em geral, pouco qualificados para ler seus significados implícitos” (BALDISSERA, 2010, p. 248).

Por meio do humor gráfico<sup>17</sup> abordamos temas culturais, políticos e algumas práticas sociais, pois o mesmo tem a força de controlar ou de provocar a resistência, podendo coagir alguns grupos e fortalecer sentimentos. Conforme Santos “A partir do século XVIII, quando as técnicas de impressão foram aprimoradas, o humor gráfico se disseminou em jornais e panfletos impressos vendidos ou distribuídos gratuitamente, muitas vezes de forma clandestina” (SANTOS, 2014, p. 13). Para Queiroz,

O humor é um recurso utilizado para representar e criticar o comportamento de indivíduos ou grupos de uma sociedade, segundo seus conceitos e valores próprios. Assim como o humor, as imagens também são elementos de importância para o estudo das sociedades [...] o humor expresso através das imagens reflete sobre a realidade e assume uma linguagem própria capaz de criar representações que registram um contexto específico, e ainda, operam uma transformação, através da crítica e da criação. (QUEIROZ, 2010, p. 16)

Como meio de comunicação, o humor que contém nas charges, só foi possível com o desenvolvimento da imprensa. A partir da metade do século XIX, que os meios de comunicação se inovaram gradualmente chegando uma grande e rápida circulação (CAVALCANTI, 2008, p. 25). Com o passar das décadas, mais precisamente no último século, o cinema, televisão e a internet, também contribuíram com o acesso a comunicação e conseqüentemente possibilitando novos tipos de enunciados abrindo espaço para as publicações de charges.

O humor gráfico surgiu no Brasil depois da metade do século XIX, alguns anos antes da Guerra do Paraguai, através de revistas ilustradas. Estas, divertiam o público, comunicavam e formavam opiniões por meio das imagens e seus textos. Porém seu surgimento no Rio de Janeiro é mais antigo,

É certo que na Corte já haviam circulado jornais pequenos, e bem toscos, folhas volantes rudimentares, caricaturas impressas à maneira de postais, e que também já existem cascas litográficas que imprimiam estampas avulsas. Provavelmente, as primeiras caricaturas a circular no Rio terão sido aquelas que se atribui a Araújo Porto Alegre, datadas de 1837, contra Bernardo de Vasconcelos, e impressas como postais na casa litográfica de Vitor Larré, que por sua vez foi pioneira neste gênero de impressão, na Corte<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup> Charges e caricaturas.

<sup>18</sup> Rio de Janeiro (RJ). **Secretaria Especial de Comunicação Social Semana Ilustrada**: história de uma inovação editorial/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria, 2007, p. 11.

Para Cavalcanti, “A charge transmite informações que envolvem fatos e é, ao mesmo tempo, um texto crítico.” (CAVALCANTI, 2008, p. 37). Uma visão crítica do autor ou jornal, que apresenta o fato ou assunto através da representação gráfica, para uma rápida e resumida interpretação da leitura.

Ainda conforme este autor as “charges são relacionadas através da intertextualidade e de polifonia” (2008, p. 37), sendo que intertextualidade seria a existência de falas na criação dos textos/charges e polifonia o fato de conter explicitamente ou implicitamente falas nos intertextos, por isso para a polifonia o leitor deve ter uma leitura de outros textos e fatos para melhor entendimento.

As ilustrações, em sua maioria, remetem a maneira de representar algo, tendo a capacidade de substituir o real e a verdade do objeto a ser representado. Há uma semelhança entre o que é real e a imagem deste, podendo construir uma narrativa através da imagem. Para Porto “A imagem mesmo que muito diferente da narrativa é uma construção a partir dela, não é ela própria, mas uma construção, uma outra criação” (2013, p. 12).

A charge em relação à imagem tem a capacidade de inserir personagens que não estão sendo representados diretamente, estando apenas na interpretação da imagem. Esta interpretação é um dos lados mais interessantes das charges, pois tem a possibilidade de nos mostrar o que em fotografias não se pode visualizar, já que a imaginação do criador da charge consegue obter a intimidade e “segredos” da representação, afinal ela é feita para o divertimento, através do cotidiano da sociedade. No âmbito da fotografia e das representações através de charges Cláudio de Sá Machado Júnior afirma:

É possível verificar vestígios de ficcionalidade na construção de suas imagens, tendo cada uma sua especificidade natural, com características específicas. São representações de um dado real. Para a história, ambas tem significativa importância, mas não podem ser tratados da mesma forma, pois possuem linguagens diferentes. Estão alocadas naquilo que podemos considerar cultura visual. (MACHADO, 2013, p. 7)

Através do humor, a charge tem um tom de crítica e sátira tentando fugir do padrão que a sociedade impõe, também podemos observar que as charges mostram o ponto de vista, suas influências e qual é a sua intenção na imagem, mesmo que isso não seja explícito.

Conforme Peixoto o “que é visto de alguma forma existiu, porém não significa reconhecer que a imagem seja uma expressão fiel do real” (PEIXOTO, 2013, p. 3). Precisamos perceber o que não está em primeiro plano nas imagens, questionando-se o que levou o autor da imagem a criar, o porquê daquela representação, como por exemplo, a violência, a educação, a luta de classes, a política, a justiça ou injustiça, etc. Com uma análise das fontes historiográficas e com problemática histórica é que o historiador deve se guiar para tentar compreender o que a imagem pretende ressaltar.

Uma das imagens mais presente nos livros didáticos e analisada por vários pesquisadores é a de Eugène Delacroix, pintada em 1830 é “A liberdade guiando o povo” em comemoração Revolução Francesa<sup>19</sup>. Para Aristeu Lopes, a utilização da alegoria<sup>20</sup> feminina “no caso francês, adverte que eles constituem imagens que correspondem a ideias abstratas como Liberdade, República, Revolução, França” (2010, p. 46). Desta forma, passamos a compreender que as imagens participam das relações sociais, ou melhor, fazem parte das práticas sociais. Assim,

O emprego de imagens como fonte de informação é apenas um dentre tantos (inclusive simultaneamente a outros) e não altera a natureza da coisa, mas se realiza efetivamente em situações culturais específicas, entre várias outras. A mesma imagem, portanto, pode reciclar-se, assumir vários papéis, ressemantizar-se e produzir efeitos diversos (MENESES, 2003, p. 29)

O visual e a escrita sempre tiveram uma relação próxima e os próprios hieróglifos nos remetem a essa afirmação. Paulo Knauss assegura “que a história da imagem se confunde com o capítulo da história escrita” (2003, p. 99) e o afastamento, uma da outra, pode causar um desentendimento em ambas, assim admite-se que elas sempre se relacionam.

Ao conter o poder de atingir todas as classes sociais, por passar as fronteiras da visão do sentido humano, as ilustrações caracterizam a pluralidade da sociedade. O estudo das figuras pode confrontar a teoria social que reduz a ação do sujeito na história, definindo a mesma por uma única direção, a escrita.

---

<sup>19</sup> Ver anexo I.

<sup>20</sup> Alegoria é uma figuração abstrata que toma, na maioria das vezes, a forma humana e de uma mulher, usada para representar uma ideia, uma virtude ou uma determinada situação. (LOPES, 2010, p. 45-46).

Muito se desprezou as imagens em relação ao documento escrito, em função de sua credibilidade. O critério para a utilização das fontes históricas seria apenas o documento escrito, uma vez que a tradução escrita do objeto seria um conhecimento dado e pronto. Knauss afirma que os estudos visuais “permitem observar como o novo campo de estudos pode ser definido como uma reunião de experiências diversas” (2006, p. 105). O autor também se utiliza da experiência de James Elkins que através do campo de estudo apresenta um quadro no qual a cultura visual conversa com muitas outras disciplinas, podendo ser uma maneira de preservar questões e renovar o meio da história da arte, sendo importante método de estudo da humanidade durante os séculos (Knauss, 2006 p. 107).

Marilda Lopes Pinheiro Queluz nos ressalta que o trabalho feito através de charges e caricaturas contribuiu para a diferenciação da estética na publicidade. Nesta se criam narrativas gráficas, demonstrando visualmente as vantagens ou desvantagens, os benefícios ou malefícios de produtos, lugares ou pessoas, “as caricaturas pluralizaram os olhares sobre as mudanças sócio-culturais” (QUELUZ, 2007). As abordagens diversificadas que charges e caricaturas carregam em si podem possibilitar uma compreensão mais leve da nossa sociedade e os assuntos tratados nela, de uma forma mais despojada tende a chamar mais a atenção do leitor.

Para Gomes, a charge é “um objeto de difícil análise, tanto em contextos de pesquisa quanto de documentação” (2015, p. 31), pois exigem um conhecimento necessário na produção das charges, bem como os diferentes códigos e expressões da realidade em relação ao contexto enunciativo. Sendo assim, sua leitura pode ser variada uma vez que,

Cada leitor lerá a charge a partir das referências do contexto em que está inserido. Dessa forma, a charge é produzida em contextos históricos, culturais e ideológicos diferentes aos de sua leitura, tornando inesgotáveis as possibilidades de produção de sentido. (GOMES, 2015, p. 32)

Tanto a charge quanto a caricatura representam a crítica aos acontecimentos cotidianos com um tom irônico, sendo que seu leitor necessita estar bem informado e ciente no que acontece, para poder interpretar. Ao ter como seu objetivo “estabelecer uma opinião crítica e assim persuadir, influenciar

ideologicamente o imaginário do interlocutor” (CAVALCANTI, 2008, p. 106) torna-se uma forma criativa para construir argumentos.

Logo, surgem alguns questionamentos: Como Dom Pedro II era retratado na imprensa, mais especificamente pela revista *Semana Illustrada*? As charges são críticas ou elogios para com Dom Pedro? E quanto a Solano López? Afinal que imagens percorriam as páginas da revista fluminense?

## 4 AS CARICATURAS

Na Hemeroteca Digital Brasileira, que está disponível no site da Fundação Biblioteca Nacional, encontramos muitos documentos: revistas, jornais, boletins, panfletos, anuários, dentre outros informativos<sup>21</sup>. Contendo um acervo importante e raro, a Hemeroteca<sup>22</sup> dispõe de exemplares da imprensa que não circulam mais – até mesmo os primeiros jornais das províncias brasileiras - e também exemplares que continuam a ser editados.

Entre revistas<sup>23</sup>, jornais<sup>24</sup> e periódicos<sup>25</sup>, podemos citar alguns títulos como: *O Mosquito*, *O Besouro*, *Revista Illustrada*, *O Paiz*, *Diário de Notícias*, *Semana Illustrada*, *A Manhã*, *Última Hora*, *A Noite*, *A Manhã*, alguns periódicos científicos como, *Annaes de Medicina Brasileira*, *o Jornal do Agricultor*, *o Boletim da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*, entre muitos outros títulos importantes que circulavam no Brasil do século XIX.

Este trabalho foi realizado por meio de pesquisas da revista *Semana Illustrada* que, como dito anteriormente, tem seu acervo disponível no site da Biblioteca Nacional<sup>26</sup>. A escolha desta revista para análise se deve ao primeiro contato com as caricaturas, presentes em duas de nossas leituras; “As Barbas do Imperador: um monarca nos trópicos” de Lilia Schwarcz e a dissertação de Pedro Paulo Soares intitulada “A guerra da Imagem: iconografia da Guerra do Paraguai na imprensa ilustrada fluminense”, o que nos gerou uma grande curiosidade.

A *Semana Illustrada* foi a primeira revista de caricaturas e variedades a circular regularmente no Brasil. Seu formato pequeno, com oito páginas (na maioria das edições), entre texto (quatro páginas) e ilustrações (quatro páginas), publicada todos os domingos, obteve uma boa aceitação do público, além da

---

<sup>21</sup> Disponível no site: [www.bndigital.bn.gov.br](http://www.bndigital.bn.gov.br)

<sup>22</sup> A Hemeroteca Digital Brasileira tem o reconhecimento do Ministério da Ciência e Tecnologia e foi através da FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos – como apoiador financeiro, que tornou possível o desenvolvimento e realização do projeto da Biblioteca Nacional digitalizada.

<sup>23</sup> Publicação regular em que se divulgam artigos, reportagens, etc. sobre variados assuntos ou sobre um assunto determinado, geralmente ilustrada. (Minidicionário Luft, 2000).

<sup>24</sup> Periódico, gazeta, publicação ou programa de rádio ou televisão em que relatam acontecimentos do dia-a-dia. (Minidicionário Luft, 2000).

<sup>25</sup> Que volta em periódicos regulares, intermitente. Jornal, revista que se publica periodicamente. (Minidicionário Luft, 2000).

<sup>26</sup> Seu acesso é rápido e fácil e para obter as caricaturas fizemos *print* após baixar o PDF com os exemplares da revista.



simpatia de Dom Pedro II<sup>27</sup>. Sua característica principal, segundo Braga, era “pelas ilustrações, sobretudo caricaturas de excelente qualidade litográfica, o texto também era de elevada qualidade.” (2007, p. 12).

Considera-se o dia 16 de dezembro 1860, a data em que a *Semana Ilustrada* circulou pela primeira vez no Rio Janeiro<sup>28</sup>. A revista contava com muitos colaboradores como: Machado de Assis, Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, e seu fundador, o artista plástico e gráfico alemão, Henrique Fleiuss<sup>29</sup>. Segundo Aristeu Lopes, ele não seguiu a tradição da caricatura francesa, a qual a grande maioria dos caricaturistas, que vieram para o Brasil nesta época, seguiu (2010, p.69).

Henrique Fleiuss, realizou uma pequena mas importante revolução de caráter inovador na imprensa brasileira da segunda metade do século 19 [...] a *Semana* estabeleceu novo parâmetros gráficos, jogou a qualidade editorial da época para cima e, de cara bem definida, entrou para a história da comunicação social de nosso país. (BRAGA, 2007, p.9)

Quando chegou ao Brasil em 1858, passou uma temporada no norte do país e no ano seguinte se estabeleceu na Corte (LOPES, 2010, p. 68). Fleiuss primeiramente criou uma empresa de tipolitográfica juntamente com seu irmão Carlos e o pintor Carlos Linde (SOARES, 2003, p. 59). Fleiuss criava verdadeiras obras de arte, sendo suas ilustrações sempre desenhadas com irreverência e “com um espírito satírico da melhor qualidade”<sup>30</sup>.

Até falecer preocupava-se com temas de maior relevância: nacionalidade, monarquia, rei, ministério, parlamento política, administração. Sua produção como chargista, ilustrador, gravador e professor servem como testemunho dessa dedicação ao Brasil, autorizando sua inclusão no rol dos inventores da nação brasileira. (SOARES, 2003, p. 68)

A *Semana Ilustrada*, trazia um lema em sua capa “*Ridendo castigat mores*”, sua tradução seria “Rindo, corrige os costumes”, juntamente com a

---

<sup>27</sup> Informações retiradas através do site da Biblioteca Nacional Digital, em que há um breve histórico da revista *Semana Ilustrada*.

<sup>28</sup> Site da Biblioteca Nacional Digital.

<sup>29</sup> Site da Biblioteca Nacional Digital. “Henrique Fleiuss, desenhista, gravador e professor, nasceu na cidade de Colônia, na Alemanha, em 1823. Estudou Belas-Artes, Ciências Naturais e música.” (SOARES, 2003, p. 58).

<sup>30</sup> Site da Biblioteca Nacional Digital.

caricatura do Dr. Semana<sup>31</sup>, o personagem que daria “vida” a revista e mostraria a irreverência e a sátira logo ao iniciar a leitura da revista. Este,

Dr. Semana (que já foi considerado o alter ego de Fleiuss) era representado como um tipo atarracado, de cabeça enorme, desproporcional em relação ao corpo. Trazia uma Cruz de Malta pendurada no pescoço e apresentava-se vestido de maneira peculiar. Usava punhos de renda e, na cabeça, um chapéu tirolês de cuja aba pendiam penas longas. Mantinha aberto o olho esquerdo, que piscava enquanto olhava para o leitor, mas o direito permanecia fechado. Segurava, com a mão direita, um número da *Semana Illustrada* e, com a esquerda, ajudava dois “bobos da corte” a passarem uma tira com imagens numa lanterna mágica. É na objetiva dessa lanterna que se lê a famosa divisa *Ridendo castigat mores*, a mesma que o arlequim Domenico, da *Commedia dell'Arte*, pintara na boca de cena do seu teatro e que Fleiuss escolheu para a revista. Dr. Semana também segurava um lápis, acionava a lanterna e comentava com o companheiro, o Moleque, os fatos mais chamativos do dia-a-dia. (SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, p. 13)

A circulação desta revista na Corte estendeu-se por 16 anos (de 1860 a 1876). Para Aristeu Lopes “A historiografia sobre a imprensa ilustrada foi sempre unânime ao considerar que o motivo para o sucesso alcançado por Fleiuss com seu periódico deveu-se à sua amizade com o imperador Dom Pedro II.” (2010, p. 112) este motivo também teria sido responsável por sua arte não ter evoluído, mantendo-se conservadora, sempre em apoio à monarquia e contrária à república (LOPES, 2010, p. 112), sendo que o máximo que se permitia nos traços das caricaturas que faziam menção a família imperial, “era aumentar-lhes o tamanho da cabeça” (BRAGA, 2007, p.18). Após o encerramento das publicações com a *Semana Illustrada*, Fleiuss lançou a *Ilustração Brasileira* e em 1880 a *Nova Semana Illustrada*, nenhuma alcançou o sucesso (LOPES, 2010, p. 69).

No capítulo 11 da obra “As barbas do imperador” (1999) de Lilia Schwarcz D. Pedro II é o “voluntário número um” da Guerra do Paraguai. Nesse capítulo a autora trata do momento em que o imperador deixa sua residência para se juntar ao exército brasileiro em Uruguaiana no Rio Grande do Sul, onde estavam localizadas as tropas que combatiam López. Schwarcz revela que “ninguém imaginava tanto arrojo de um monarca cuja postura civil e avessa à mais rudimentar experiência da guerra poderia expô-lo a perigos inúteis” (1999, p.

---

<sup>31</sup> Ver anexo II.

299). Ou seja, o imperador que nunca se interessou por assuntos bélicos, a partir deste confronto passa a assumir cada vez mais uma postura de “rei da guerra”, o que nos motiva a analisar estas atitudes que estão representadas nas imagens.

A guerra do Paraguai com a Tríplice Aliança ocorreu contemporaneamente à descoberta de processos técnicos que permitiram, no período, uma oferta de imagens até então inédita, por meio da imprensa ilustrada e da gravura, da pintura e da fotografia. (TORAL, 1999, p. 298)

No período em que a revista circulava nas ruas do Rio de Janeiro, ocorreu a Guerra do Paraguai, e a revista trazia, em seu número 215, do quinto ano, a seguinte imagem acompanhada de seu texto:

Imagem 1: *Revista Semana Ilustrada*. 22 de janeiro de 1865.



**S. SEBASTIÃO.**  
**GUIANDO O BRASIL CONTRA OS INIMIGOS DA PATRIA.**  
Com passo firme e a mão valente armada  
Brasil, guiar-te-hei ao céu da gloria.  
Tens inimigos? Toma a tua espada,  
Dalta-te ao campo e cantarás victoria!

Fonte:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702951&PagFis=2086&Pesq=Guerra%20do%20Paraguay>

## S. SEBASTIÃO

## **GUIANDO O BRASIL CONTRA OS INIMIGOS DA PATRIA.**

“Com passo firme e a mão valente armada  
Brasil, guiar-te-hei ao céu da gloria.  
Tens inimigos? Toma a tua espada,  
Deita-te ao campo e cantarás victoria<sup>32!</sup>”

As imagens publicadas na imprensa ilustrada muitas vezes combinavam “o nacionalismo com a exaltação da figura de herói, frequentemente, soldado, um jovem negro, um índio ou uma jovem do povo” (LOPES, p. 15). Representando o Brasil, a alegoria feminina está armada de uma lança e protegida pelo escudo, que contém a bandeira imperial, suas vestes fazem alusão às vestes indígenas, encoraja outros a segui-la para conquistar a vitória.

Juntamente com a moça está São Sebastião<sup>33</sup>, com espada em punho e um escudo, a bandeira que está tremulando atrás dele é a proteção para todos que os seguirem “Grande Santo, protector Do Imperio de Santa Cruz, A colheita de triumphos teus protegidos conduz. Com tua espada inflamada A’frente dos Brasileiros, sejam eles invencíveis, sejam heroes verdadeiros.”.

Percebemos que estão no alto de um morro e, abaixo deste, tem muitas pessoas, que parecem estar em movimento, seguindo em frente em “passo firme”, estão prontos para a batalha.

---

<sup>32</sup> Será mantida a grafia original.

<sup>33</sup> Soldado romano mártir, se alistou no exército romano por volta de 283 d. c. para firmar os corações dos cristãos, enfraquecidos diante de torturas.

Imagem 2: Revista *Semana Illustrada*, 12 de fevereiro de 1865, Nº 218, QUINTO ANO.



**O TYRANNO DE PARAGUAY.**

— Quero representar a lava, destruindo tudo quanto se oppuzer á minha passagem; quero reinar sobre um throno de cadáveres. (*A voz de Lopez*).  
— Não te illudas, despota furioso. A tua missão de algoz e cannibal está expirando. Breve pagarás por junto todos os horrores e perversidades, que tens praticado. (*A voz do Brasil*).

Fonte:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=702951&pasta=ano%20186&pesq=Guerra%20do%20Paraguay> Acesso em 07 09 2016.

“- Quero representar a lava, destruindo tudo quanto se oppuzer a minha passagem; quero reinar um throno de cadáveres. (*A voz de Lopez*)  
- Não te illudas, despota furioso. A tua missão de algoz e cannibal está expirando. Breve pagarás por junto todos os horrores e perversidades, que tens praticado. (*A voz do Brasil*).”

Esta caricatura do mês de fevereiro é a primeira em que a *Semana Illustrada* se refere a Solano López diretamente. Este é retratado como o “Senhor

da Morte”, com uma espada cravada num cadáver, sua expressão facial é assustadora e traz uma impressão de arrogância de quem está disposto a “reinar um trono de cadáveres”, ou podemos também vê-lo como a própria morte. Há uma alusão ao diabo com sua cara malvada, e em uma de sua perna, que está descoberta, podemos notar quem tem casco no lugar de um dos pés – elemento que caracterizava o diabo nas representações<sup>34</sup>.

Um pássaro ao seu lado agoniza enquanto do outro lado um pássaro que tem “morte” escrita em seu corpo, parece só observar o que López está fazendo. Esse pássaro pode ser um abutre ou um corvo a espera das próximas mortes em nome de López. Ao fundo da imagem, vários outros pássaros voam, sinalizando que muitos outros mortos estão espalhados pelos arredores do caudilho<sup>35</sup>.

Também observamos que há um homem atrás de Solano, em cima de uma escada, parece estar escrevendo algo. Uma palavra com a letra “B”, podendo ser o “B” de Brasil. Assim, a construção de López enquanto diabo e único responsável pelas numerosas mortes, uma figura maléfica, se evidencia por meio de uma imagem bastante forte.

O texto abaixo da caricatura visa evitar qualquer dúvida acerca da intenção da imagem representa. Ao inserir sob a forma de “vozes” de López e do Brasil, Fleiuss expõe que Solano López está representando a lava de cadáveres que fará aos que se opuserem a seu governo. Se prestarmos atenção

---

<sup>34</sup> Para Viana, “A maioria dos relatos sobre Satã, é que o mesmo foi despedido do céu. Seu pecado como contam, era o orgulho e a arrogância devido a sua natureza despótica, extremamente ambiciosa” (VIANA, Fernanda F. F. de M. Arcanos performáticos: Resignificação fotográfica do Tarot de Marselha. Tese de mestrado de Práticas Artísticas Contemporâneas, Faculdade de Belas Artes Universidade do Porto, Porto, 2016). Suas características variam com o passar dos séculos, para Zierer “Pelo fato de ter sido uma vez um anjo, Lúcifer, o portador da luz, (...), o Diabo é mais inteligente que os humanos. Deste modo, pode tentá-los de várias maneiras, como ser chifrudo, cornudo, com cascos, possuindo elementos de outras divindades das mais diferentes crenças e religiões. Pode adquirir outras formas, como a de homens, mulheres, religiosos, Cristo, santos, entre outras. O diabo é um grande opositor de Deus, daí a necessidade dos humanos estarem vigilantes para combatê-lo” (ZIERER, Adriana M. de S. O Diabo e suas múltiplas imagens nas iluminuras do Monstro Devorador e do Anjo Caído (século XV): alguns exemplos. Antíteses, v. 9, n 17, p. 12-35, jan/jun 2016).

<sup>35</sup> “Eram, quase sempre, proprietários de terras, com intenso controle sobre a distribuição de bens e sobre a alocação do trabalho e das condições de subsistência em suas propriedades” (TAVARES, 2011, p. 4), além da questão econômica, os caudilhos também eram conhecidos pelo uso da força, exército, conquistas e acumulações de terras e bens.

o chão ao seu redor está representado com muitos cadáveres, aves, e bandeiras além de pessoas tentando “nadar” neste “mar” de mortos produzido por López<sup>36</sup>.

Imagem 3: Revista *Semana Ilustrada*, 19 de fevereiro de 1865, Nº 219, QUINTO ANO.



#### OS VOLUNTARIOS DA PATRIA.

Despedindo-se de paes, de mães, e de noivas, correm de todas as partes do Imperio os Voluntarios para onde os chama a honra nacional.  
A victoria os precede, ha de agrinaldar-lhes as frentes.  
Abençoados pelos que deixão e pela patria, com taes corações, nunca poderá ella correr perigo.

Fonte:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=702951&pasta=ano%20186&pesq=Guerra%20do%20Paraguay> Acesso em 07 set 2016.

#### OS VOLUNTARIOS DA PATRIA.

“Despedindo-se de pais, de mães, e de noivas, correm de todas as partes do Império os Voluntários para onde os chama a honra nacional.

A victoria os precede, ha de agrinaldar-lhes as frentes.

Abençoados pelos que deixão e pela pátria, com taes corações, nunca poderá ella correr perigo.”

<sup>36</sup> Ver anexo III, comparar caricatura com foto oficial de Francisco Solano López.

A guerra exigia muitos soldados, e o Brasil não tinha um exército com formação militar, então foi necessário o recrutamento de vários “voluntários”. O serviço militar era considerado um castigo, uma degradação, sendo que os soldados do Exército eram vistos desclassificados pela elite. Doratioto afirma que, em abril de 1864 o governo imperial tentou aumentar o efetivo do Exército para 22 mil homens, mas ao final do ano haviam somente 18 mil soldados profissionais espalhados pelo país (2002, p. 98).

Ao criar os “Voluntários da Pátria”, em janeiro de 1865, houve necessidade de estimular o alistamento e assim foram oferecidas gratificações aos soldados quando regressassem da guerra, como por exemplo, o direito a terras. Conforme Doratioto, “Por todo o país houve, de início, entusiasmo popular e voluntários se apresentaram para o campo de batalha.” (2002, o. 111). Esse entusiasmo, que pode ser apreendido também na caricatura acima, não durou todo o tempo e, com o andar da guerra a demanda de soldados para guerra não era suprida então os senhores de escravos tinham que ceder alguns de seus escravos para as batalhas, com a promessa de que os cativos seriam libertos ao findar a guerra. Assim “o uso de escravos no Exército brasileiro foi tema dos redatores dos jornais paraguaios e do próprio Solano López” (Doratioto, 2002, p. 272). Porém, mesmo os escravos que sobreviveram à guerra, poucos alcançaram a liberdade.

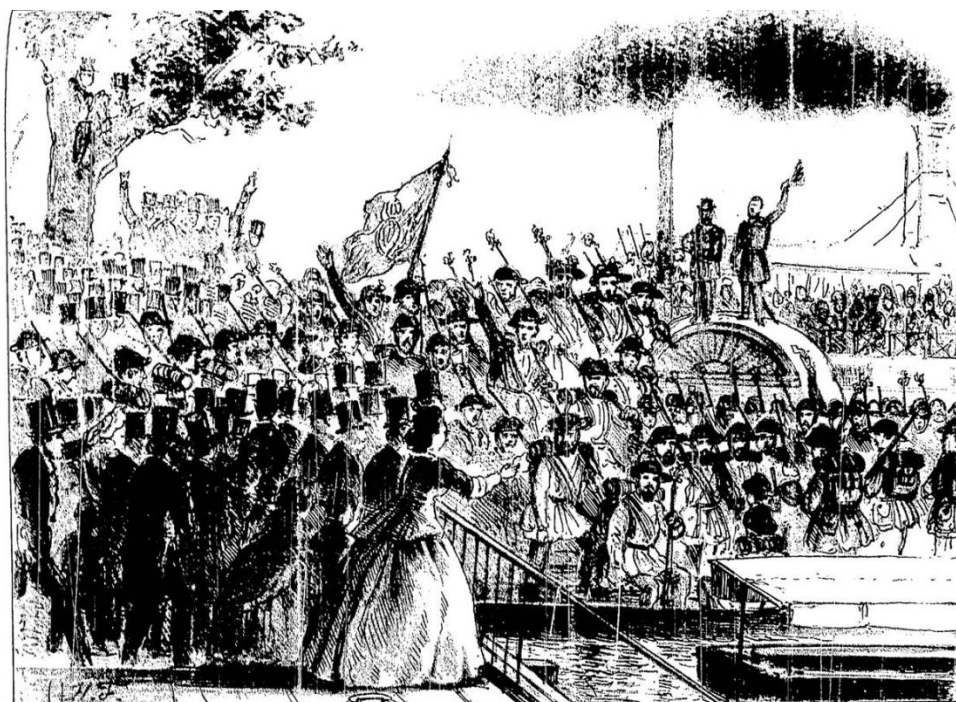
Na imagem, os homens que se tornaram “voluntários” estavam a se despedir de seus familiares. Alguns entusiasmados, talvez com as gratificações oferecidas, ou esperançosos de se tornarem heróis da pátria ganhando condecorações ou promoções por bravura. Há um senhor a se despedir de um jovem e este, mais que todos está com expressões tristes em seu rosto. Podemos refletir acerca da expressão dada por Fleiuss a este senhor que parece se recordar de outras experiências de guerra que ele participou, ou que mesmo que não tenha participado em batalhas, traz a experiência de vida, sabe que nenhuma guerra se faz sem custos humanos. Mesmo com a expressão no rosto cheia de tristeza devido a situação, mães, filhos, esposas, avós dos soldados foram abençoa-los para que lutassem.

A caricatura datada de 19 de fevereiro de 1865, não deixa de ser um reforço para o voluntariado, uma imagem que incentiva mais cidadãos a se



alistarem, a se juntarem ao Exército, pois a imagem tenta passar um clima festivo, com a intenção de serem heróis de guerra. Sua publicação ocorreu um mês após a criação do corpo dos “Voluntários” por Dom Pedro II, um estímulo ao alistamento de jovens para a campanha.

Imagem 4: *Revista Semana Illustrada*. 12 de março de 1865. Nº 222, QUINTO ANO



Adeuses e embarque do 1º batalhão de voluntários no rio de Janeiro.

(5 DE MARÇO)

Leva-os, ó mar. A gloria  
Espera-os. Não se abate  
Quem compra com seu sangue o louro da victoria.  
E vai tranquillo á morte e vai rindo ao combate.

Fonte:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702951&PagFis=2086&Pesq=Guerra%20do%20Paraguay>

### **Adeuses e embarque do 1º batalhão de voluntários no Rio de Janeiro**

(5 DE MARÇO)

Leva-os, ó mar. A gloria

Espera-os. Não se abate

Quem compra com seu sangue o louro da victoria.

E vai tranquillo á morte e vai rindo ao combate.

Reforçando a imagem de heróis da pátria, a *Semana Ilustrada* serve como uma propaganda para o alistamento voluntário. O 1º batalhão do Rio de Janeiro embarca para a “glória”.

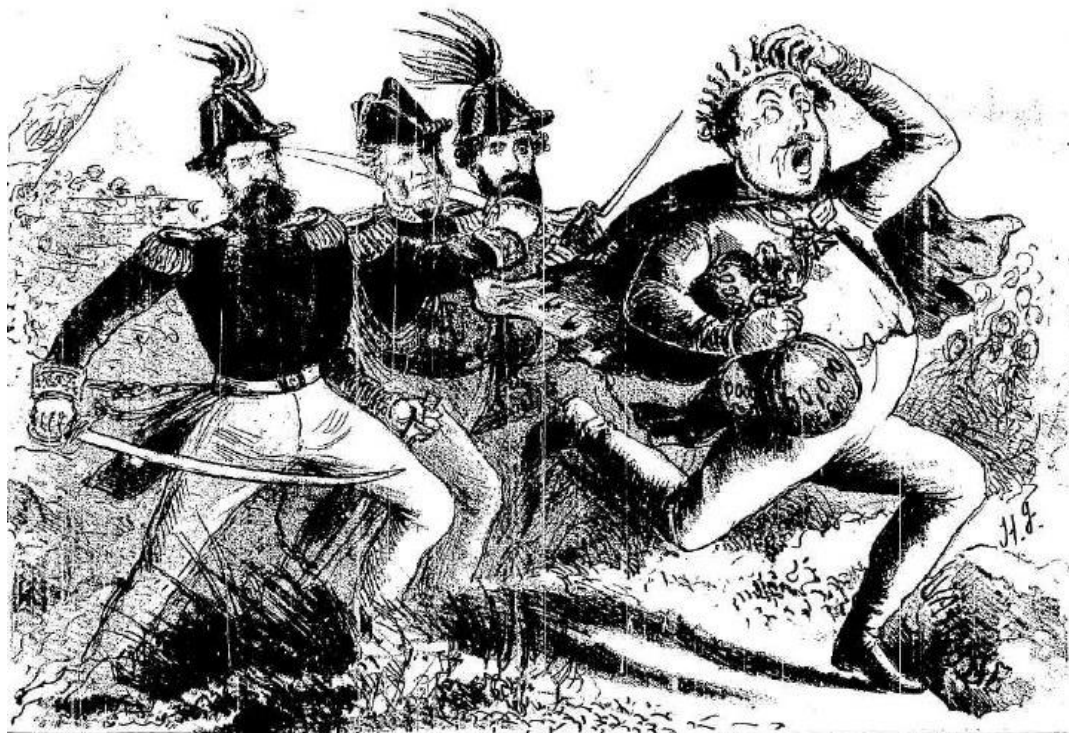
Nesta charge, os soldados estão com armas em mãos e trajes do Exército<sup>37</sup>, prontos para o embarque até a campanha. A publicação de mais esta imagem acerca do corpo de voluntários, além de reforçar o engajamento popular nos faz refletir sobre a importância do mesmo uma vez que, de acordo com Doratioto, a Guarda Nacional, milícia controlada pelas elites regionais, não demonstrava o mesmo ardor em se apresentar para a guerra. Em janeiro de 1865 o governo havia convocado 15 mil guardas nacionais entre as províncias, mas havia resistência entre os batalhões em enviar os convocados e, dentre este, boa parte desertou (DORATIOTO, 2002, p.112).

Toral (1995) afirma que “os cidadãos do império dispunham de diversas formas de se esquivarem da convocação”, através de “doações de recursos, equipamentos, escravos e empregados à Guarda Nacional e aos Corpos de Voluntários para lutarem em seu lugar”, quem não tinha recurso alistava seus parentes, como sobrinhos agregados e filhos. Além disso, voluntários e recrutados eram submetidos a uma instrução militar precária que não lhes dava condições de combater um exército organizado. (DORATIOTO, 2002).

---

<sup>37</sup> Mesmo dentro de uma unidade, havia diferenças nas fardas – além das já esperadas, como entre as roupas dos oficiais, de maior riqueza e qualidade, e a dos soldados, mais simples. (CASTRO, Adler H. F. de. **Uniformes da Guerra do Paraguai**). Disponível em <<http://bndigital.bn.gov.br/projetos/guerradoparaguai/artigos/Adler%20Uniformes%20da%20Guerra%20do%20Paraguai.pdf>> Acesso em 01 jul 2017.

Imagem 5: *Revista Semana Illustrada*, 30 de abril de 1865, Nº 229, QUINTO ANO.



TRES FACIUNT COLLEGIUM.

A UNIÃO FAZ A FORÇA.

Assim como as trevas da noite fogem aos primeiros raios do sol, assim a tyrannia paraguaya fugirá aos tres gladios da civilisação. Justo castigo da audácia, do despotismo e da ignorância. A hora da justiça chega tarde, mas chega: a providencia não perdoa um minuto sequer: é preciso cahir.

Fonte:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=702951&pasta=ano%20186&pesq=>

Acesso 07 set 2016.

Tres Faciunt collegium

A união faz a força

“Assim como as trevas da noite fogem aos primeiros raios do sol, assim a tyrannia paraguaya fugirá aos tres gladios da civilisação. Justo castigo da audácia, do despotismo e da ignorância. A hora da justiça chega tarde, mas chega: a providencia não perdoa um minuto sequer: é preciso cahir.”

A Tríplice Aliança – formada por Brasil, Argentina e Uruguai - vista como modelo de civilização, seria a responsável da libertação do Paraguai perante a barbárie em que se encontrava nas mãos de López. Os governantes de Brasil

(Dom Pedro II), Argentina (Bartolomé Mitre) e Uruguai (Venancio Flores) caçariam Solano López sem descanso.

Na imagem vimos a representação de López fugindo dos governantes da Tríplice Aliança, porém podemos observar na imagem que há uma pedra em seu pé e muito provavelmente logo tropeçaria e seus inimigos iriam alcançá-lo e tirar dele tudo o que ele queria. A caricatura é publicada um dia antes da assinatura do Tratado da Tríplice Aliança que data de 1º de maio de 1865 em Buenos Aires. Este, estabelecia as condições da paz e resultou da agressão paraguaia a Corrientes (DORATIOTO, 2002, p. 157)

Imagem 6: *Revista Semana Ilustrada*, 14 de maio de 1865, Nº 231 , QUINTO ANO



**Palavras do General Mitre, Presidente da Republica Argentina, ao receber a noticia da declaração de guerra do cacique Lopez:**

“ Em tres dias nos quartéis, em quinze no acampamento, em tres mezes em Assumpção. ”  
Praza a Deos que a fortuna seja propicia a tão bravo alliado.

Fonte:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=702951&pasta=ano%20186&pesq=Guerra%20do%20Paraguay>

**Palavras do General Mitre, Presidente da Republica Argentina, ao receber a noticia da declaração de guerra do cacique Lopez:**

“Em tres dias nos quartéis, em quinze no acampamento, em tres mezes em Assumpção.”

Praza a Deus que a fortuna seja propicia a tão bravo aliado.

Com a assinatura do Tratado da Tríplice Aliança, em 1º de maio de 1865 em Buenos Aires, os argentinos esperavam uma guerra rápida contra o Paraguai. Mitre está ao centro da imagem, comandando os demais, sua mão apontando para frente, indicando para seguir com a guerra e o quão breve seria o conflito, em que acreditava, não durar três meses, prometeu isso diante de uma multidão de argentinos.

Doratioto afirma que há indícios de que a Argentina tinha intenção de anexar o território paraguaio ao seu, porém não tinha preparado um plano para ter êxito (2002, p.160). Podendo ser uma das razões para Mitre querer e acreditar numa guerra rápida.

Imagem 7: *Semana Illustrada*, 25 de junho de 1865, Nº 237, QUINTO ANO.



**Quem não é pelo Brasil, é contra o Brasil.**

Diante de um inimigo feroz, que invade nosso território, que tala nossos campos, que exerce toda a sorte de crueldades, não há, nem deve haver duas opiniões.

Em face de um tirano, que escraviza a população do Amazonas meridional, as politicas racionais desaparecem, e os rivalidades mesquinhas fundem-se em uma só opinião, a guerra a todo o custo.

Quem não luta pela honra da pátria, quem, em frente das hordas estrangeiras não abraça o adversario politico não ama o seu país, menospreza os bens de família e desconhece seus proprios interesses.

Na balança do patriotismo pouco importam as tres divergentes as politicas, os sentimentos pessoais, as idéias mistas, tudo acaba a se diluir: em se, o pensamento deve ter um lado os espiritos, um unico resultado apparecê: Brasileiros, unidos, e a gloria do Brasil, o triumpho da honra e da dignidade nacional.

Fonte:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=702951&pasta=ano%20186&pesq=>

Acesso 07 set 2016.

**Quem não é pelo Brasil, é contra o Brasil**

“Diante de um inimigo feroz, que invade nosso território, que tala nossos campos, que exerce toda a sorte de crueldades, não há, nem deve haver duas opiniões.

Em face de um tyrano, que envergonha a grande América meridional, as paixões nacionais desaparecem mios e rivalidades mesquinhas fundera-se em uma só aspiração Guerra a Despostismo.

Quem não pugna pela honra da nação, é inimigo da pátria, tens em frente das hostes estrangeiras não abraça o adversário politico não ama o seu paiz, menospresa os laços da família e desdenha seus proprios interesses.

Na balança do patriotismo pesão igualmente em tais circustâncias as idéas divergentes dos partidos, ressentimentos pessoais desidencias intestinas, tudo acaba e dissipa; um só pensamento deve brilhar em todos os espíritos, um único sentimento animar todos os corações. A gloria do Brasil e triunfem da honra e dignidade nacional.

Brasileiros, união, concordia! Salvemos o grande Imperio do Brasil!"

Dom Pedro II governada em meio a liberais e conservadores e não queria desavenças com nenhum destes, equilibrava os ânimos dos dois lados. Em trajes de imperador e não de guerra, como se verá posteriormente, diz que "Quem não é pelo Brasil, é contra o Brasil", deixando prevalecer à imagem de poder maior. Na imagem há um navio indo diretamente para um pórtico escrito "HUMAITA", referindo-se a fortaleza<sup>38</sup> paraguaia localizada a esquerda do rio Paraná e cerca de 400 quilômetros ao sul da capital paraguaia Assunção. Doratioto afirma que, uma vez formada a Tríplice Aliança restava para López como opção mais segura "recuar suas tropas de volta ao território paraguaio e negociar a paz em inferioridade, mas em forte posição defensiva, atrás da poderosa fortaleza de Humaitá" (2002, p.158). Esta fortaleza seria invadida e ocupada pelos aliados em 1868, quando Caxias comandava seu isolamento total.

A imagem destacada de Dom Pedro II "equilibrando a balança" nos remete a consolidação do poder imperial como sustentáculo da ordem interna. Ao unir as classes dominantes escravistas ele mediava as desavenças entre as elites. Além da capacidade de defender as elites internamente, também seria o defensor das mesmas no exterior.

O Brasil, um grande império unificado a duras penas, diferenciava-se de seus vizinhos, repúblicas instáveis onde predominava a figura do

---

<sup>38</sup> Ver anexo IV.

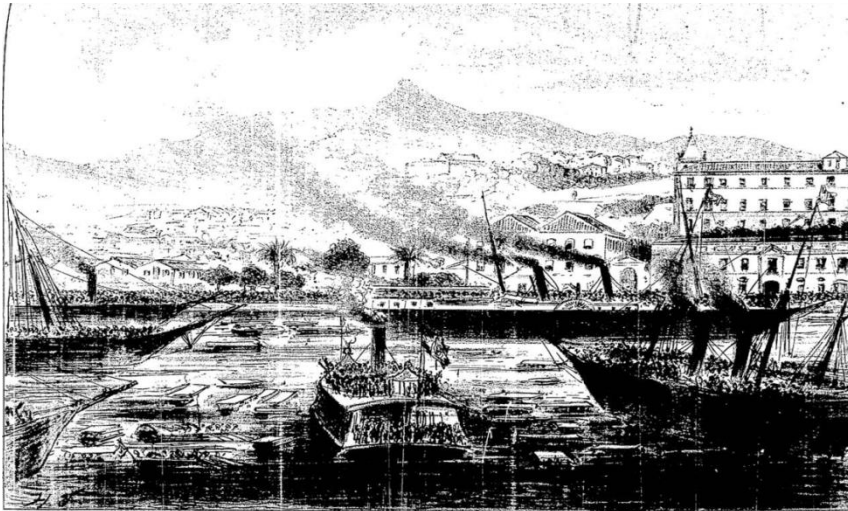
caudilho. Era, no entanto, como elas, dependente do mercado externo como exportador de produtos primários e, também, dependente do crédito externo. (TORAL, 2001, p. 30)

O Partido Conservador continha em especial os representantes da grande agricultura de exportação, enquanto Partido Liberal era dos produtores para o mercado interno. De acordo com Távora “Se as mudanças de gabinete e a dissolução do Parlamento eram pratos suculentos para os caricaturistas, as metamorfoses dos políticos também representavam, para os desenhistas, excelentes motes” (Távora, 1976, p. 34). Como a legenda está dizendo, o Imperador brasileiro pedia para deixar as rivalidades de lado e juntos lutarem para derrubar o tirano paraguaio, pois o patriotismo era para todos, e os brasileiros deviam honras à nação.

Atrás de Dom Pedro II, há o que parece ser velas de um navio ou então bandeiras, dando impressão de que ele tinha asas, como se fosse um anjo, um salvador. Essa ideia ganha reforço quando observamos a posição dele, em primeiro plano na caricatura. Se compararmos à primeira caricatura que vimos em primeiro plano, de López, este estava representado numa forma diabólica, inclusive com cascos. Nesta caricatura Dom Pedro II poderia estar representando o redentor, tranquilizando a população, ao mesmo tempo em que ele equilibra a balança, seu gesto aponta um caminho. A direção é a fortaleza paraguaia de Humaitá, pois na legenda desta imagem Dom Pedro II, diz que não deve ter duas opiniões já que o tirano paraguaio invadiu o território brasileiro, então o Brasil deve fazer o mesmo, invadindo o Paraguai através de Humaitá, assim conseguindo dominar a capital Assunção.

Imagem 8: *Semana Illustrada*, 16 julho de 1865 N° 240 QUINTO ANO





#### VIAGEM IMPERIAL.

Santa Maria, deslisando-se pelas aguas da Guanabara, ouve os votos de um povo inteiro em favor da prospera viagem dos augustos passageiros, á bem da realisação das largas vistas de S. M. I. e pelo seu triumphante regresso a esta cõrte, que admira o acto da dedicação imperial, mas não pôde esquivar-se ao sentimento de profunda saudade.

Santa Maria, que sempre orou pela felicidade do Brasil, continuará a orar pela segurança, gloria e ventura do Imperador.

Fonte:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702951&PagFis=2086&Pesq=Guerra%20do%20Paraguay>

#### VIAGEM IMPERIAL.

“Santa Maria, deslisando-se pelas aguas da Guanabara, ouve os votos de um povo inteiro da prospera viagem dos augustos passageiros, á bem da realização das largas vistas de S. M. I. e pelo seu triumphante regresso a esta corte, que admira o acto da dedicação imperial, mas não pôde esquivar-se ao sentimento de profunda saudade.

*Santa Maria*, que sempre orou pela felicidade do Brasil, continuará a orar pela segurança, gloria e ventura do Imperador.”

Não sendo uma charge propriamente dita, como muitas outras, essa imagem diz respeito à viagem de Dom Pedro II a Uruguaiana, Província de São Pedro do Rio Grande Sul. Fleiuss não deixa de registrar em suas páginas os milhares de súditos que teriam ido ao porto seis dias antes para desejar sucesso ao Imperador em sua viagem, *Semana Illustrada* ressalta “Sua Magestade partiu ao som de vivas, de aclamações, de applausos estrepitosos, desferidos por immensidão de povo [...] O fervor do entusiasmo seguiu o imperador até fora da barra” (p. 2, 16 de julho de 1865).

A decisão do Imperador de se dirigir à província meridional havia enfrentado resistência por parte do Conselho de Estado. Mesmo assim no dia 10 de julho ele embarca no navio Santa Maria acompanhado de uma comitiva que

incluía os genros Gastão de Orléans, conde d'Eu, e Luís Augusto Maria Eudes de Saxe Coburgo-Gotha, duque de Saxe, os generais marquês de Caxias e Francisco Cabral além do ministro da Guerra entre outros. Doratioto afirma que a comitiva que desembarcou em Rio Grande e percorreu o interior da província, “Em todo o trajeto o imperador foi recebido com festas populares espontâneas, com foguetórios, e manifestações de apresso da população” (2002, p. 179).

Imagem 9: *Semana Illustrada*, 06 de agosto de 1865, Nº 243, QUINTO ANO.



... Rio Grandenses! Falia-vos como pai, que zela a honra da familia Brasileira; estou certo de que procedereis como irmãos, que se amão ainda mais quando qualquer d'elles soffre.  
(Discurso de Sua Magestade o Imperador aos habitantes do Rio Grande).

Fonte:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=702951&pasta=ano%20186&pesq=>

Acesso 07 set 2016.

“Rio Grandenses! Fallo-vos como pai. que zela a honra da familia Brasileira; estou certo de que procedereis como irmãos, que se amão ainda mais quando qualquer delles soffre.”

(Proclamação de Sua Magestade o Imperador aos habitantes do Rio Grande).

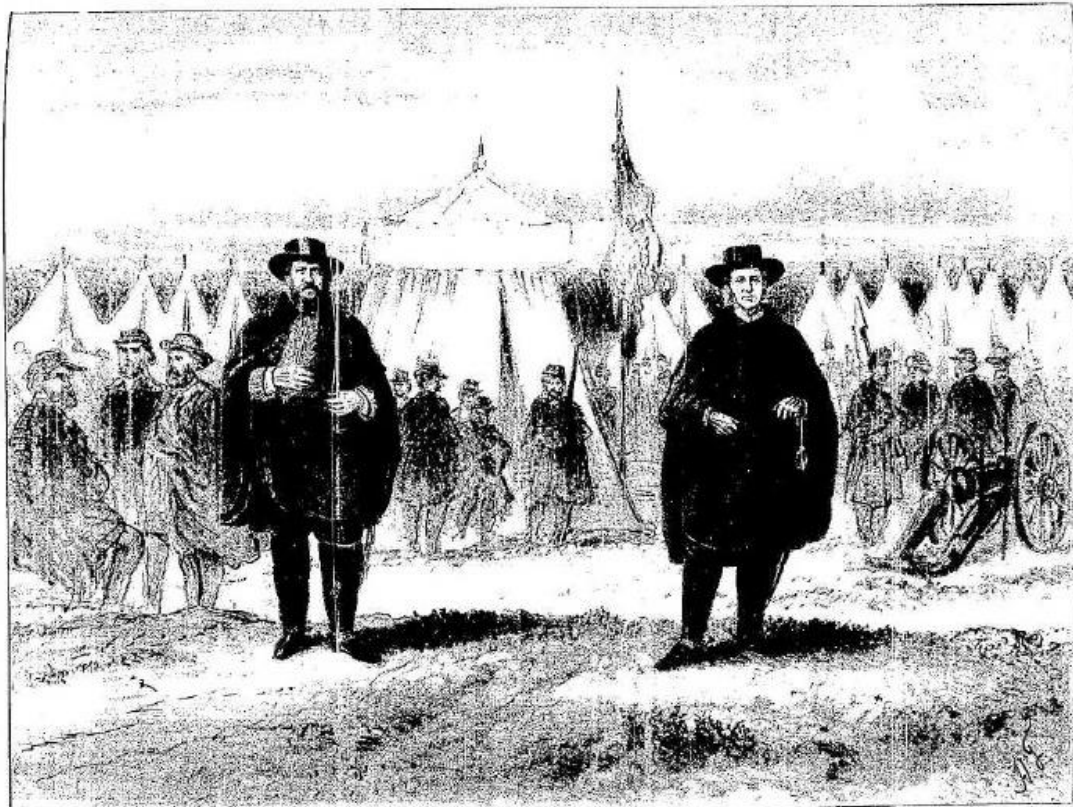
Em sua viagem a Uruguiana em 10 de julho de 1865, o imperador Pedro II reforça o patriotismo e orgulho da pátria, com a espada em punho e a cima da cabeça, demonstrando ânimo, garra e amor à pátria, conversa com seus súditos, especialmente os sul-rio-grandenses. Aqui o imperador é construído como um pai, até mesmo o texto que acompanha a imagem. Os dois homens ao seu lado estão obedecendo e as pessoas que estão em segundo planos estão com a cabeça voltada para ele, como esperassem ouvir o que estava a dizer para seguir suas ordens, Assim,

A viagem impulsionou o esforço de guerra e pôs fim à inércia militar brasileira, restabeleceu a ordem administrativa e militar no Rio Grande do Sul e adquiriu uma dimensão simbólica, com a presença do monarca em uma província com antecedente republicano. (DORATIOTO, 2002, p. 179 e 180)

Ainda de acordo com este autor, “Se dependesse exclusivamente dos chefes militares do Rio Grande do Sul, os paraguaios permaneceriam na província o tempo que desejassem” (DORATIOTO, 2002, p. 179). Desta forma, a convocação como “pai” que demandava obediência, na imagem, pode ser melhor compreendida ao se analisar a situação de anarquia em que se encontrava o sul. Além disso, as palavras “Patriotismo” e “Concórdia” ornamentando a imagem remetiam a um passado recente bastante conturbado para a província. Fleiuss utiliza-se ainda de duas alegorias femininas sentadas no chão, na parte inferior da imagem. Uma delas com os olhos vendados, espada em sua mão direita e balança na mão esquerda, representa a justiça. A outra alegoria feminina empunha uma espada com uma mão enquanto a outra segura uma tocha. Esta alegoria, para Poletto “traz a luz e a sabedoria necessária para construir a nova sociedade sobre os escombros da antiga” (2015, p. 9). A tocha

significa sabedoria além do que “a própria representação da tocha está ligada à significação de armamento, uma vez que ela é a arma utilizada por Hércules contra a hidra na mitologia grega” (POLETTI, 2015, p. 9). Assim a justiça e a sabedoria estavam ao lado do “pai” Imperador.

Imagem 10: *Semana Illustrada*, 10 de setembro de 1865, Nº 248, QUINTO ANO.



S. M. O IMPERADOR E S. A. O SR. DUQUE DE SAXE.  
EM TRAJE DE CAMPANHA.

Fonte:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=702951&pasta=ano%20186&pesq=>  
Acesso 07 set 2016.

“S. M. O IMPERADOR E S. A. O SR. DUQUE DE SAXE”

## “Em traje de campanha”

(Copiados das fotografias enviadas de Porto Alegre)

Conforme Braga, “Fleius revolucionou a imprensa da época [...] foi o primeiro a tentar a utilização sistemática da fotografia em cobertura jornalística em nosso país.” (2007, p. 5). Nesta imagem, Dom Pedro II aparece em trajes de guerra (à esquerda), juntamente com Duque de Saxe Coburgo<sup>39</sup> (direita) no acampamento na fronteira em Uruguiana, província do Rio Grande do Sul. O imperador não participou ativamente nas batalhas, mas ficou acampado em apoio ao Exército. A viagem à Província investia-se de significados pois,

Apesar da aceitação da independência uruguaia por d. Pedro I, a política interna da antiga província cisplatina nunca deixou de estar ligada, econômica e politicamente, com a do Rio Grande do Sul. Sua vocação separatista seria evidenciada no Período Regencial. Foi pelo porto de Montevideu que os separatistas gaúchos conseguiram furar o bloqueio imposto pela Marinha Imperial durante a Revolta Farroupilha. (TORAL, 2001, p. 44)

Sem as vestes de imperador, e com trajes de guerra, Dom Pedro II é mais um que vai lutar para defender a nação, mostrando seu amor à pátria, ele é como qualquer soldado em seu cotidiano no acampamento de guerra. Para Schwarcz, “ninguém imaginava tanto arrojo de um monarca cuja postura civil e avessa à mais rudimentar experiência da guerra poderia expô-lo a perigos inúteis” (1998, p. 299). Segundo ela,

As fotos e os desenhos mostram um monarca fardado e altivo, mas revelam, também, a tensão em sua face e os primeiros sinais de uma barba que, como diziam, teria ficado branca nesse contexto. Assim, se no começo da guerra, com quarenta anos, um porte seguro e vestindo trajes oficiais, d. Pedro II era a representação de um governante sereno e confiante em sua posição, durante e após o combate a representação é outra: a guerra estará por toda parte. (SCHWARCZ, 1998, p. 316)

Imagem 11: *Semana Illustrada*, 08 de outubro de 1865, Nº 252, QUINTO ANO.

---

<sup>39</sup> Luís Augusto, casado com a segunda filha de Dom Pedro II, Leopoldina.



### Episódios da guerra contra o Paraguay.

Sua Magestade o Imperador, não obstante o intenso frio que fazia, tira dos hombros a capa e cobre com ella um soldado, que estava inteiriçado.

Fonte:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=702951&pasta=ano%20186&pesq=>

Acesso 07 set 2016.

### Episodios da guerra contra o Paraguay

“Sua Magestade o Imperador, não obstante o intenso frio que fazia, tira dos hombros a capa e cobre com ella um soldado, que estava inteiriçado<sup>40</sup>.”

É possível que o momento em que esta imagem é “copiada”, (pois provavelmente procede da mesma fonte da imagem anterior), está chovendo e fazendo frio, supomos que seja no acampamento de Uruguaiana. Assim, a publicação pela *Semana Illustrada* contribui para difundir uma imagem do Imperador que demonstra sua simplicidade e humildade, Dom Pedro II cobre um soldado ferido com suas próprias vestes, sob os olhares de muitos.

Como Schwarcz enfatiza “nesse momento, ninguém se identificava tanto com a guerra como o imperador, que acumulava, até aí, pontos em sua popularidade” (1998, p. 305), e que “nos primeiros anos da guerra todos os atos se transformavam em marcas de heroísmo e patriotismo; d. Pedro, [era] o

<sup>40</sup> Conforme o dicionário inteiriçado significa inflexível, rígido. (Minidicionário Luft).

primeiro dos heróis” (1998, p. 305), sendo um exemplo para o restante do Exército.

A imagem ao destacar o gesto do Imperador, também chama a atenção para as “baixas” durante os combates e fora deles, pois segundo a historiografia “a maior parte dos mortos não o foi em combate, mas, sim, devido a doenças, fome e exaustão física” (DORATIOTO, 2002, p. 483).

Porém Braga afirma que é “só a estratégia de Fleiuss” para “a manipulação do tempo e do espaço”, pois para ele “o Imperador, com certeza, não estava no teatro de operações”, portanto a cópia da fotografia era apenas uma “montagem bem feita” (2007, p. 29).

Montagem ou não, a escolha deste “episódio” da guerra por Fleiuss claramente visa construir uma imagem de herói para Dom Pedro II. Além disso, deixava de revelar ou denunciar que

Em 1865, a maior parte dos soldados brasileiros que foi para o teatro da guerra vinha das províncias do Norte e Nordeste do Império. Essa tropa sofreu com a mudança rápida de temperatura, de um ambiente quente para o frio intenso que caracteriza o inverno do Rio da Prata. Sem receberem roupas adequadas, quase todos os quatrocentos soldados de um batalhão vindo do Pará morreram de frio. (DORATIOTO, 2002, p. 117)

Imagem 12: *Semana Illustrada*, 27 novembro de 1865, Nº 259, QUINTO ANO.



**Historia para crianças.**

Tres gatos andavão á caça de uma grande porção de ratos que tinham infestado um certo territorio; os ratos mal descobrirão os gatos, pozerão cebo ás canelas. Mas havia no lugar chamado Passo da Patria uma pequena ponte, e elles querendo ir todos de uma vez, forão ficando aqui e alli em grandes lotes, até que os referidos gatos, com tres ou quatro tabefes, derão cabo delles todos.

Fonte:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702951&PagFis=2086&Pesq=Guerra%20do%20Paraguay>

### **Historia para crianças.**

“Tres gatos andavão á caça de uma grande porção de ratos que tinham infestado um certo territorio; os ratos mal descobrirão, pozerão cebo ás canellas. Mas havia no lugar chamado Passo da Patria uma pequena ponte, e eles querendo ir todos de uma vez, forão ficando aqui e alli em grandes lotes, até que os referidos gatos, com tres ou quatro tabefes, derão cabo delles todos.”

A caricatura em tom de fábula<sup>41</sup>, narrativa figurada, faz referência ao recuo paraguaio na derrota no Rio Grande do Sul e o “bloqueio do rio Paraná pela esquadra brasileira” (DORATIOTO, 2002, p. 191). Solano López retornou com suas tropas, para seu território, através do Passo da Pátria. Doratioto afirma que,

Atravessaram a confluência dos rios Paraná e Paraguai. Conhecida como Três Bocas, sem serem incomodados pela esquadra imperial. Não foi uma passagem fácil, pois carregaram consigo cerca de 100 mil cabeças de gado e cavalos, algumas centenas de carretas com o saque das estâncias e povoados correntinos. (DORATIOTO, 2002, p. 191-192)

Os gatos seriam a representação dos Aliados que expulsaram a “ratazana” paraguaia. López havia perdido tropas bem treinadas com muitos soldados paraguaios doentes ou feitos prisioneiros pelos Aliados.

Na segunda página da *Semana Ilustrada* deste mesmo dia, a revista faz um “comunicado” aos seus leitores: “Mas, hoje, graças ao patriotismo do monarca brasileiro, e ao valor dos soldados brasileiros e aliados, a rendição em Urugayana dos vândalos que a saquearão, é um facto histórico”, e tratando de uma possível paz após este episódio a revista expõe “A paz será honrosa, se fôr assignada depois da expulsão de López; de bem estabelecidos os limites do Paraguay com o Brasil”.

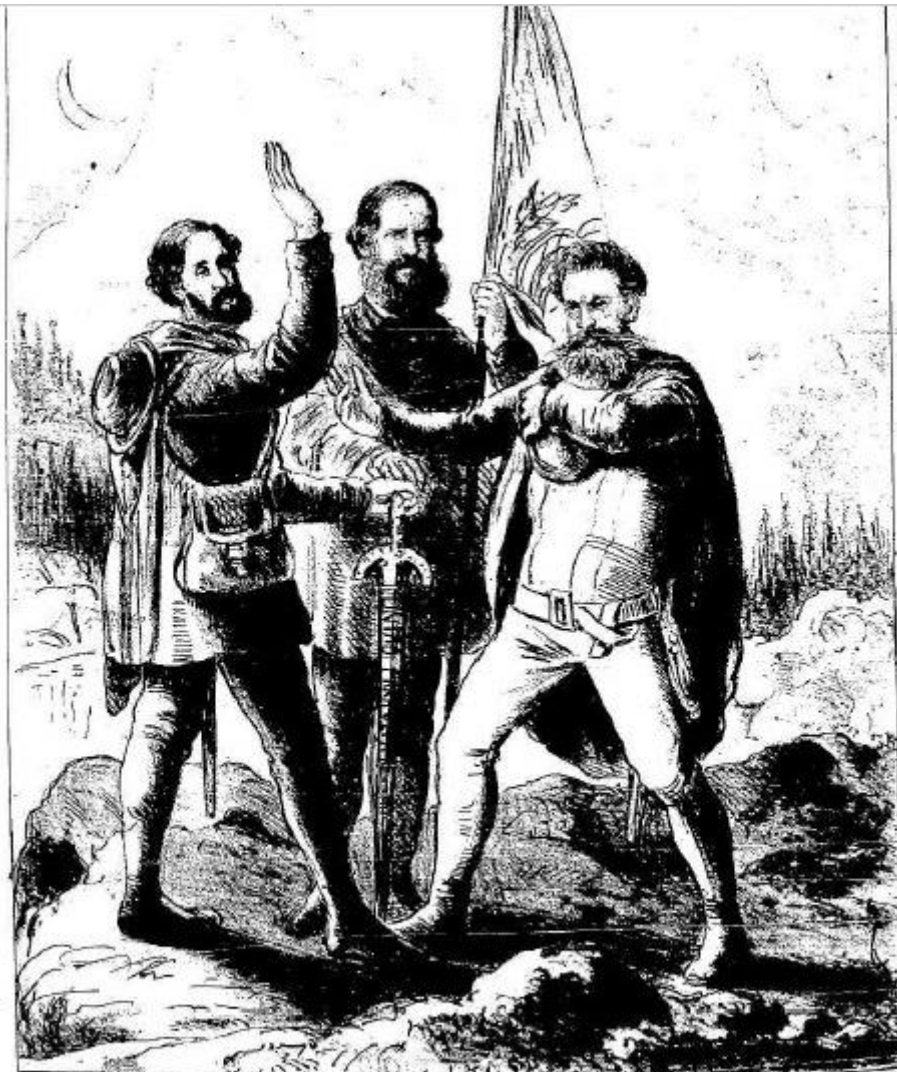
---

<sup>41</sup> É uma composição literária em que os personagens são animais que apresentam características humanas, tais como a fala, os costumes, etc. Estas histórias são geralmente feitas para crianças e terminam com um ensinamento moral de caráter instrutivo. Disponível em <<https://www.significados.com.br/fabula/>> Acesso em: 03 jul. 2017



Assim a Tríplice Aliança expulsaria os paraguaios de seus territórios, como se expulsassem uma “ratazana” e a paz voltaria a reinar, graças aos “três gatos heróis”.

Imagem 13: *Semana Illustrada*, 17 de dezembro de 1865, Nº 262, QUINTO ANO



**O juramento dos tres suissos.**

Em 1307 a Suíça foi forçada a reclamar a sua independencia e liberdade. N'uma noite juntarão-se tres chafoes, Walter Furst, Arnold von Melchthal e Werner Stauffacher e jurarão por si e por seus companheiros uma união indissolúvel. A Suíça foi por elles libertada.  
Em 1865 unirão-se o Brazil, o Uruguay e Buenos-Ayres para libertar o Paraguay.  
Como os tres chafoes suissos, elles só devem depor as armas, depois de realizados os intuitos da alliança

Fonte:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=702951&pasta=ano%20186%pesq=>

Acesso em 07 set 2016.

O juramento dos tres suissos

“Em 1307 a Suíça<sup>42</sup> foi forçada, a reclamar a sua independência e liberdade. N'uma noite juntarão-se três chefes, Walter Fürst, Arnold von Melchthal e Werner Stauffacher e jurarão por si e por seus companheiros uma união indissolúvel. A Suíça foi por eles libertada.

Em 1865 unirão-se o Brasil, o Uruguai e Buenos-Ayres para libertar o Paraguai. Como os três chefes suíços, eles só devem depor as armas, depois de realizados os intuitos da aliança.”

O caricaturista compara os líderes suíços, considerados heróis em sua independência, e os da Tríplice Aliança, como forma de sucesso e prosperidade. A imagem representa o momento em que a aliança foi realizada, para a libertação do Paraguai das mãos do “tirano” López. No encontro dos três representantes em Uruguaiana

Era a primeira vez que os três chefes supremos aliados se reuniam, mesmo porque D. Pedro II jamais havia estabelecido contato pessoal com presidentes latino-americanos. Mitre tinha então 45 anos e era, segundo as descrições, alto e elegante. Já Flores, bem mais velho, vestia-se como um homem do pampa. Imagine-se o espanto desses dois dirigentes ao se deparar com o imperador usando trajes militares (LYRA apud SCHWARCZ, 1998, p. 302)

O imperador brasileiro encontra-se com seus aliados, o mesmo, está ao centro da imagem, dos três governantes é o que segura uma bandeira, unindo-

---

<sup>42</sup> No final do século XI, a Europa vivia profundas transformações sociais. Para arcar com os altos custos dos produtos importados do Oriente, os senhores feudais tinham que aumentar a renda dos seus feudos, e começaram então a pressionar os seus servos a produzirem mais. Os camponeses da região, sentindo-se ameaçados com a crescente dominação das famílias reais e do poder dos comerciantes, unem-se para escapar da servidão dos senhores feudais. Três representantes de Uri, Schwyz e Unterwalden, às margens do Lago dos Quatro Cantões, na pradaria de Rütli, juram lealdade e fidelidade mútua. O acordo conhecido como “O Juramento de Rütli” seria: “Queremos ser um único povo de irmãos, não devemos nos dividir em perigo ou aflição; Devemos ser livres, como nossos pais o foram e preferir a morte à escravidão; Devemos acreditar em Deus todo poderoso e não temer o poder dos homens”. Na verdade, não há evidências de que o Juramento de Rütli tenha realmente ocorrido. O evento é mencionado pela primeira vez em 1470, no Livro Branco de Sarnen. Mais tarde do século 16, o Juramento de Rütli aparece na *Chronicon Helveticum* de Aegidius Tschudi. A obra descreve detalhes do ocorrido e menciona o nome dos três participantes do juramento: Werner Stauffacher de Schwyz, Walter Fürst de Uri e Arnold von Melchthal de Unterwalden. O autor data o acontecimento em 8 de novembro de 1307. A verdadeira data é desconhecida pelos historiadores, mas talvez o relato do século 16 tenha uma certa veracidade. MADEIRA, M. C. O Juramento de Rütli – O Pacto Federal de 1291 na Suíça. *Vida na Suíça.com*. mar, 2017. Disponível em <<http://www.vidanasuica.com/2017/03/o-juramento-de-rutli-o-pacto-federal-de.html>> Acesso em 17 jun 2017.

se aos outros dois, como estivessem selando um acordo, um pacto. Essa imagem refere-se a assinatura do Tratado Secreto da Tríplice Aliança em 1º de maio de 1865. Neste, havia a determinação de que só se negociaria a paz mediante a deposição de Solano López além de deliberar sobre os rumos no pós-guerra.

## 5 CONCLUSÃO

A Guerra do Paraguai levou a formação do Exército brasileiro, algo que até então não existia. Foi através de um conflito devastador que se notou a necessidade de um Exército treinado<sup>43</sup>. Para Pedro Paulo Soares “a Guerra do Paraguai pode ser considerada um marco do surgimento do sentimento de nacionalidade (...) mobilizando emocionalmente e materialmente quase todos os cidadãos brasileiros” (2003, p. 5). Porém José Murilo de Carvalho afirma que este sentimento “foi muito limitado pelas complicações impostas pela presença da escravidão” (1990, p. 32).

Os países envolvidos tiveram gastos exorbitantes principalmente o Brasil, “os gastos com cinco anos de guerra exauriram o Tesouro brasileiro e o equilíbrio orçamentário do Império não foi recuperado” (DORATIOTO, 2002, p. 484). Entretanto, o número de perdas humanas foram os dados mais elevados “chegam até a girar em torno de números exagerados que variam de 800 mil a 1,3 milhão de habitantes” (SCHWARCZ, 1998, p. 312), isto referente no lado paraguaio.

A guerra terminou, mas a imagem do Imperador saiu abalada, fortalecendo a campanha em favor da República e abolição da escravatura. A imprensa cobriu este conflito do início ao fim, algo importante para a historiografia, em um momento que os processos técnicos para produção da imprensa ilustrada estavam sendo atualizados.

Como podemos analisar a partir da bibliografia, a imprensa cumpria papel importante na sociedade oitocentista. As charges da *Semana Illustrada* não teciam qualquer crítica a Dom Pedro II e seu governo, pelo contrário se utilizam da colocação dele em primeiro plano, de forma centralizada, destacando lances de heroicidade. Como apontamos, neste período a guerra já havia feito suas vítimas não só devido aos combates, mas também devido ao clima e a falta de

---

<sup>43</sup> Conforme Doratioto, com uma população de pouco mais de 9 milhões de habitantes, o Brasil levou à guerra em torno de 139 mil homens (2002, p. 458). Em 1870 o governo imperial forneceu dados oficiais da campanha até 18 de agosto de 1869, sendo 23.917 soldados, dos quais 4.332 mortos, 18.597 feridos e 988 desaparecidos. Porém, este autor nos mostra que esse número pode chegar a 33 mil brasileiros mortos, segundo o general Tasso Fragoso e ao exagero de “100 mil enviados à guerra” para Dionísio Cerqueira (2002, p. 461).

preparo das tropas formadas pelos voluntários que chegavam de todas as partes do país, sobretudo nordeste.

Já Francisco Solano López tem sua imagem exposta como tirano e caricaturado bem diferente de sua aparência. Na primeira imagem sua aparência é semelhante ao diabo e, em outra está representado em fuga, com expressão assustada, prestes a cair. As imagens que correspondem ao governo brasileiro e seus aliados estão longe de causar riso, destacam os líderes ao seu leitor.

A análise das imagens reafirma que o autor, Henrique Fleiuss é um grande admirador do Imperador, utilizando-se de estratégias na imagem visando sua construção como de um grande líder, um dos “grandes homens da história”.

Um dia após o aniversário do Imperador a *Semana Illustrada* traz em suas páginas: “Assignalas o nascimento de um Grande Principe, primoroso nas virtudes civicas como nas particulares, ilustrado, entusiasta pela dignidade engrandecimento do seu paiz” (*Semana Illustrada*, nº 260, quinto ano, 3 dez 1865, p.2), reafirmando o grande homem que era o Imperador, conforme os editores da revista.

Há muito para estudar e pesquisar sobre a iconografia da *Semana Illustrada* como fonte histórica, sendo que a mesma nos ajudou a compreender parte de como se construiu a imagem do Imperador e de Solano López. Soares acredita que “essas imagens, produzidas durante o conflito contra o Paraguai, ajudaram a difundir representações sobre o Brasil” (2003, p. 12). Estas imagens, por outro lado, certamente contribuíram para a construção de uma imagem positiva do Imperador, na medida em que auxiliaram na busca de justificativas para os gastos com o conflito. Além disso, as imagens tratam do período inicial do conflito momento em que a expectativa era de uma guerra rápida e, logo sem tantos custos, bem ao contrário do que viria a ser seu desfecho. A *Semana Illustrada* de 1865 traz em suas páginas caricaturas que denotam euforia e expectativa com a campanha. O riso, o deboche, a crítica direcionam-se apenas ao “algoz” aquele que é considerado o culpado, tirano, do lado dos aliados o esforço para construção de belas e até emocionantes imagens como a de um Imperador que dispões de sua capa em benefício de um soldado.

## REFERÊNCIAS

BALDISSERA, José A. **Imagem e construção do conhecimento histórico**. Ensino de História; Desafios Contemporâneos. Org. Véra Lucia Maciel Barroso, p. 247-265, Porto Alegre, ANPUH/RS, 2010.

BETHEL, Leslie (Org). **História da América Latina**: da Independência a 1870. vol. 3. São Paulo: EDUSP, 1994-2011.

CARVALHO, José M. **A Formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 13ª reimpressão, 1990.

CASTRO, Adler H. F. de. **Uniformes da Guerra do Paraguai**. Disponível em <file:///C:/Users/PAMELA/Desktop/TCC%20PAME/Uniformes%20da%20Guerra%20do%20Paraguai.pdf> Acesso em: 01 jul. 2017.

CAVALCANTI, Cristiane Renata da Silva. **Discurso político na charge**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2013.

CAVALCANTI, Maria Clara Castanho. **Multimodalidade e Argumentação na Charge**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

CHARTIER, Roger. **Defesa e Ilustração da Noção de Representação**. <<http://www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/nocaoderepresentacao.pdf>> Acesso em: 07 nov. 2015

CHIAVENATTO, Julio José. **Genocídio Americano**: A Guerra do Paraguai. 14ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra**: nova história da Guerra do Paraguai. 2ª ed. ver. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOMES, Thulio Pereira Dias. **A charge é o assunto**: análise documentária de charge. Rio de Janeiro, 2015.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História Geral da Civilização Brasileira**: Tomo II: O Brasil monárquico: volume 6. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil LTDA, 2012.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006.

LEMOS, Renato (ORG). **Uma história do Brasil através da caricatura (1840-2006)**. Ed. Bom Texto, 2001.

LITZ, Valesca G. O uso da imagem no Ensino de História. **Caderno Temático** (Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná – PDE). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

LOPES, Aristeu E. M. A **República e seus símbolos**: A imprensa ilustrada e o ideário republicano. Rio de Janeiro, 1868-1903. f. 423. 2010. 423 f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. 20º ed., 5º impressão. São Paulo: Ática, 2000.

MADEIRA, M. C. O Juramento de Rütli – O Pacto Federal de 1291 na Suíça. **Vida na Suíça**, mar, 2017. Disponível em <  
<http://www.vidanasuica.com/2017/03/o-juramento-de-rutli-o-pacto-federal-de.html>> Acesso em 17 jun 2017.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. **Fontes visuais, cultura visual, História visual**. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, nº 45, pp. 11-36 – 2003.

PESAVENTO, Sandra J. **A Revolução Farroupilha**. Boletim gaúcho de geografia. Associação Brasileira de Geógrafos, p. 101-102, Porto Alegre, ago, 1985.

POLETTO, Caroline. Em busca de uma trajetória do visível: desenhos anarquistas e anticlericais ao redor do mundo. XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Florianópolis, 2015.

PORTO, Aline C. Contos Gauchescos Ilustrados: algumas considerações sobre texto e imagem. II ENCONTRO HISTÓRIA, IMAGEM E CULTURA VISUAL - ANPUH, Porto Alegre, ago 2013. **Anais...** Porto Alegre: PUC-RS, 2013.

QUEIROZ, Renata S. **História da Caricatura no Brasil**: um *fardo nobre*, cheio de memória e pertencimento. Programa de pós-graduação em memória social. UFRJ, UNIRIO. Rio de Janeiro, 2010.

<<http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss273.pdf>> Acesso em 15 nov. 2015

QUELUZ, Marilda L. P. **O humor gráfico da década de 20**: entre o art nouveau e o art deco. XXIV Simpósio Nacional de História, 2007, ANPUH. <[http://www.revistascuritibanas.ufpr.br/artigos/o\\_humor\\_grafico\\_da\\_decada\\_de\\_20\\_entre\\_o\\_art\\_nouveau\\_e\\_o\\_art\\_deco.pdf](http://www.revistascuritibanas.ufpr.br/artigos/o_humor_grafico_da_decada_de_20_entre_o_art_nouveau_e_o_art_deco.pdf) > Acesso em 15 nov 2015.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Secretaria Especial de Comunicação Social. **Semana Ilustrada**: história de uma inovação editorial. Rio de Janeiro, 2007 (Cadernos da Comunicação. Série Memória; 18).

SANCHES, M. G. **A Guerra**: problemas e desafios do campo da história militar brasileira. Revista brasileira de história militar, ano I, nº 01, abr 2010.



SANTOS, Roberto E. dos. **HQs de humor no Brasil**. Variações da visão cômica dos quadrinhos brasileiros (1864-2014). Série Comunicação & Inovação, v 4. Porto Alegre, Ed. EDIPUCRS , 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As Barbas do Imperador: Dom Pedro II, um monarca nos trópicos**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **As Barbas do Imperador: D. Pedro II, a história de um monarca em quadrinhos**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

SOARES, Pedro Paulo. **A Guerra da Imagem: Iconografia da Guerra do Paraguai na Imprensa Ilustrada Fluminense**. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

TAVARES, Francisco M. M. **Três Variantes do Personalismo na Política da América Hispânica: o Caudilhismo, o Bolivarianismo e o Populismo como Expressões de Afirmação Regional**. Cadernos PROLAM/USP, Ano 10, Vol. 1, p. 36-50, 2011.

TÁVORA, Araken. **Pedro II através da caricatura**. Rio de Janeiro, Ed. Bloch Editores S. A, 1975.

\_\_\_\_\_. **D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura**. 1º edição. Rio de Janeiro, Ed. Bloch, 1976.

TORAL, André Amaral de. **Imagens em desordem: a iconografia da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Humanitas, USP, 2001.

\_\_\_\_\_. Entre retratos e cadáveres: a fotografia na Guerra do Paraguai. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 19, nº 38, p. 283-310, 1999.

\_\_\_\_\_. **A participação dos negros escravos na guerra do Paraguai**. vol 9. São Paulo: Estudos Avançados, 1995.

VIANA, Fernanda F. F. de M. **Arcanos performáticos: Resignificação fotográfica do Tarot de Marselha.** Tese de mestrado de Práticas Artísticas Contemporâneas, Faculdade de Belas Artes Universidade do Porto, Porto, 2016.

ZIERER, Adriana M. de S. **O Diabo e suas múltiplas imagens nas iluminuras do Monstro Devorador e do Anjo Caído (século XV): alguns exemplos.** Antíteses, v. 9, n 17, p. 12-35, jan/jun 2016.  
<<http://www.redalyc.org/html/1933/193346401003/>> Acesso em 26 jun 2017.

## ANEXO

### Anexo I



Quadro de Éugene Delacroix, símbolo das revoluções que se espalharam por toda a Europa após a Revolução Francesa, representando a Liberdade guiando o povo.

Fonte: <http://www.historialivre.com/contemporanea/salarevfranca1.htm> Acesso em: 14 jun. 2017

### Anexo II. Dr. Seman



Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=702951&pasta=ano%20186%pesq>  
= Acesso em: 07 set. 2016

### Anexo III



Fonte:

[http://www.portalguarani.com/123\\_aurelio\\_garcia/1815\\_retrato\\_del\\_mariscal\\_francisco\\_solano\\_lopez\\_1866\\_obra\\_de\\_aurelio\\_garcia\\_.html](http://www.portalguarani.com/123_aurelio_garcia/1815_retrato_del_mariscal_francisco_solano_lopez_1866_obra_de_aurelio_garcia_.html)

Acesso em: 14 jun. 2017. Óleo sobre tela 200 x 145 cm, trabalho de Aurelio Garcia, coleção Palácio do Governo, Assunção.

### Anexo IV



Fonte: <http://www.ahimtb.org.br/caxico324.htm> Acesso em: 14 jun. 2017

#### Anexo IV



Fortaleza de Humaitá e suas imediações, mapa mandado levantar pelo Alte e Barão de Inhauma José Joaquim Ignácio.

Fonte: <http://www.ahimtb.org.br/images/cax329.jpg> Acesso em: 14 jun. 2017